

ILUSTRAÇÃO

N.º 265 — 12.º ano



PRINCESA ISABEL — Herdeira do trono de Inglaterra

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiêne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Está seguro
contra dores?

Por 13 escudos pode ficar ao abrigo de muitos sofrimentos e dores!

Este seguro é unicamente feito pela grande Casa Bayer — mediante a simples aquisição dum tubo de Cafiaspirina. Tôdas as dores, especialmente as dores de cabeça, dentes e ouvidos, são prontamente eliminadas com um ou dois comprimidos. Por consequência, quem possui na sua farmácia caseira um tubo de Cafiaspirina, está efectivamente seguro contra dores



Cafiaspirina

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandreerculano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume. — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. — Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Todas as creanças são felizes e saudáveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

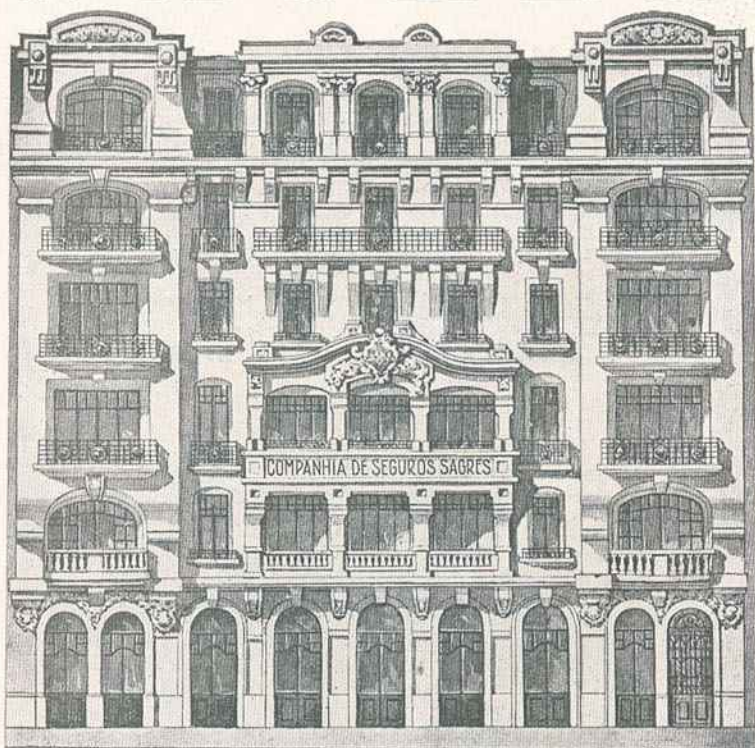
À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercarias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em tôdas
as modalidades**

**O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —**

CONSULTEM A SAGRES

**INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES**

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 6.^a EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . . **12\$00**

Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JÚLIO DANTAS

VIAGENS EM ESPANHA

O pòrtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosália — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata **12\$00**

Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despartem pelo entrecho romântico — sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.

As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA



Os bons olhos não se compram

nem mesmo pelo preço duma grande fortuna

Defenda a vista dos seus filhos não consentindo que eles estudem senão à luz duma boa lâmpada.

A má iluminação é a causadora directa do nervosismo e da fadiga visual. Só uma boa lâmpada proporciona o bem estar do espirito e do fisico.

Para obterem uma luz abundante, suave, agradável, com uma economia até 40 % no consumo de corrente, instalem lâmpadas

PHILIPS "D. D."

MARCADAS EM DECALUMENS

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podais acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produits **BÉJEAN** - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.



ANO NOVO!

REPICAM festivamente os sinos, anunciando um novo ano que, segundo um uso tradicional, desejamos feliz e cheio de prosperidades para tôdas as pessoas das nossas relações.

Quem poderá sondar o futuro?

No entanto, os sinos continuam a repicar em tom festivo com o fim cruel de animar uma esperança débil que se tornará, dentro em pouco, numa desilusão atroz.

Assim sucedeu no ano que findou, nos anos de que demos fé desde que conhecemos este Mundo, e assim sucederá até à consumação dos séculos.

Dia 1.º de Janeiro... O carteiro, ajudado com uma sacola de coiro maior do que êle, vai distribuindo, de casa em casa, cartões de felicitações pelo novo ano que entra, e que, desde os tempos remotos de Adão e Eva, tôda a gente acredita que seja melhor do que o anterior!

Já é caturrice... A longa experiência de tantos séculos ainda não chegou para abrir os olhos à humanidade, e mostrar-lhe com tôda a clareza que o ano que sai ou o ano que entra nenhuma culpa podem ter dos seus disparates e das suas maldades.

Até hoje, ainda ninguém reparou no sorriso irónico com que o Ano Velho entrega a pasta ao Ano Novo, dando-lhe, em seguida, como é da praxe, um ósculo repinicado. Nessa altura, o Velho Ano

diz qualquer coisa ao Ano Novo que todos os mortais tomam pelas instruções reguladas pelo protocolo do Tempo.

Ninguém reparou ainda que o Ano Velho sorri, manifestando assim o seu contentamento por se vêr livre duma tarefa que estava sendo superior às suas forças. Despede-se, portanto, sem saudades, visto que não tornará a ser acusado de tôdas as calamidades que afligem, cada vez mais, uma humanidade tão estúpida como desgraçada.

Se houve má colheita, logo se diz que o ano foi mau, como se fôsse o ano o encarregado de arrotear os campos, escolher os adubos e seleccionar as sementes.

Se houve uma cheia, foi o ano que esteve chuvoso, como se o ano competisse levantar diques em tempo de sol e tomar precauções enquanto há bonança.

Se rebentou uma guerra, se grassou a peste, se houve fome, o pobre do ano é que tem culpa de todos estes flagelos que só a humanidade, dando largas às suas ambições inconcebíveis, fez desencadear sobre si.

As acusações atribuídas ao Ano Velho são tão ridículas como as que um indivíduo atribuisse ao seu relógio, e só porque lhe marcou a hora em que ficou arruinado ou em que partiu uma perna.

Por isso, o Ano Velho sorri ao vêr-se livre do encargo.

Chega o Ano Novo cheio de esperanças... Mas logo o seu rosto se anuvia ao ouvir o segrêdo do Velho Ano.

Diz algumas palavras na sua vôzita aflautada, explicando talvez o êrro em que a humanidade se obstina, a-pesar-dos eloqüentes exemplos de tantos séculos.

O Ano Novo fala, mas ninguém consegue ouvir o que êle diz por entre o repicar dos sinos...

Tlim, dão, tlim, dão, tlim, dão, dão... É festa! Ano Novo! Vida Nova! Que o que entra, seja melhor do que o que sai.

Mais uma carta, que ia esquecendo, para o tio da província. Um ano novo feliz e muitas prosperidades!

A carta lá segue o seu destino até ir cair nas mãos trémulas do bom velho, comovido e sensibilizado pela lembrança do sobrinho que não se esqueceu dêle.

É possível que nesse recanto sossegado pudesse ouvir a declaração do Ano Novo a desiludido-lo.

Mas os sinos — nessa aldeia também há sinos — repicam festivamente, e nada deixam ouvir.

Tlim, dão, tlim, dão, tlim, dão, dão... Mas ainda há votos sinceros.

A "Ilustração", entrando no 12.º ano da sua existência, deseja ardentemente a todos os seus leitores e anunciantes um novo ano cheio de venturas e prosperidades.

Ano Novo! Vida Nova!



Victorien Sardou

A PARECEM hoje em dia uns dramaturgos que, por excesso de miolos ou insuficiência dos mesmos, desejam produzir obra nova, cheia de dinamismo e originalidade. Se lhes falam em Victorien Sardou, por exemplo, assanham-se, afirmando que as peças do grande escritor teatral, além de não prestarem para nada, já não se usam.

De Shakespeare nem valeria a pena falar. Que valeria o autor do "Hamlet" ao pé de Marinetti — o insuperável?

Enfim!... Que se lhes há-de fazer? Apenas isto: perguntar-lhes o que conhecem de qualquer desses mestres fóra de moda, forçá-los a apresentar os seus reparos e as suas emendas... se é que essas obras vitorianas por tantos milhões de *insensatos* durante tantos anos são susceptíveis de ter algum conserto.

Se os obrigarmos a citar os pontos fracos de Victorien Sardou, hão-de gague-

jar e acabar por confessar que nunca o leram, nem o viram representar, visto não ser natural perder tempo com velharias carcomidas pela traça.

Falavam assim por ouvir dizer!... E, no entanto, bom seria que, não só o estudassem como lhe seguissem as pisadas!

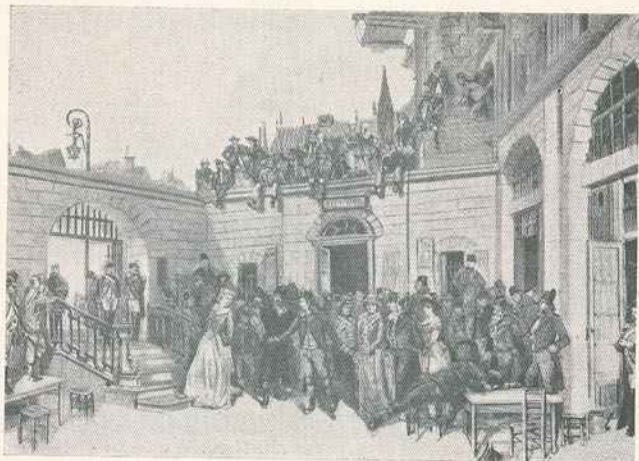
Já agora, não nos ficará mal dizer-lhes alguma coisa sobre Victorien Sardou que, tendo começado a estudar medicina, acabou por seguir a vida teatral.

Tendo feito a sua estreia no Odeon com a peça *La taverne des étudiants*, o fiasco não podia ser maior. Desanimou e pensou em voltar à carreira da medicina.



Victorien Sardou, aos 35 anos

Mas, lá dentro, muito lá dentro, Sardou sentia-se fadado para o teatro. Reagiu, portanto, e, dentro em pouco, triunfava absolutamente. Tinha o dom do movi-



Cena de "Thersites", drama proibido

CONSELHOS AOS NOVOS e a Arte Dramática

Um génio que não se apaga nem envelhece

mento, o diálogo fácil e rápido, espirituoso e mordaz. Sabia interessar como nenhum outro, e suscitava o riso e a emoção.

Como vêm, estes predicados, indispensáveis num bom escritor dramático, não florescem a cada passo.

Em todas as suas peças — e deixou mais de cem — Sardou mostrou sempre uma extraordinária destreza no emprego dos mais insignificantes meios, desde que os julgasse próprios para excitar a atenção do público. Chegou a sacrificar tudo ao efeito a produzir, mesmo a verdade, e até mesmo o bom senso, preferindo os aplausos da multidão, aos louvores dos ilustrados.

A seu vêr, o público não podia ser forçado a pensar, visto, que, pagando o seu bilhete, não devia ser submetido a qualquer preocupação de espírito.

Referindo-se a Sardou, o grande crítico Emile Faguet escreveu:

"Através dessa meia centúria, o autor da *Fédora* fez obra de artista, de investigador, de curioso, de historiador, de psicólogo, e a enumeração não acabaria aqui: tanto a sua infatigável curiosidade de espírito se aplicou a tudo e sempre em tudo achou alguma coisa. Imaginem apenas que em Victorien Sardou existe um dramaturgo que pode ser comparado, em fecundidade, a um Lope de Vega ou a um Calderon; que tem escritas mais de cem obras, das quais, duas terças partes, o menos que alcançaram foi o êxito mais estrondoso; que é um erudito na História da Revolução Francesa, e que, além disso, é um tal historiador de Paris que calculo não haver outro que se lhe compare em documentação e segurança, e que, finalmente, se ocupou das ciências físicas e do ocultismo com verdadeiro ardor, curiosidade, sagacidade e penetração.

Quando fez representar a sua nova obra *Nos bons villageois*, os habitantes de Mary e do Bougival, julgando-se ofendidos, mandaram delegados a Paris a fim de pedirem explicações e exigirem desculpas, a bem ou a mal. O caso levantou grande celeuma nos jornais.

Tempos depois, outra peça *La maison nouvelle* concitava as iras do Governo francês que, supondo-se atacado, proibiu a sua representação. A opereta *Le roi Cavalotte*, com música do famoso Offenbach, foi também proibida por ser considerada injuriosa para o monarca que então reinava sobre a França. Outro tanto sucedeu com *La devote* em que julgavam vêr

um libelo cruel contra a rainha. Mas o mais extraordinário foi o que aconteceu

com o *Rabagás*. Grande parte do público, supondo que Sardou escrevera a sua obra contra Léon Gambetta, manifestou-se de tal modo no dia da primeira representação que a plateia dava a impressão dum campo de batalha. Enquanto uns aplaudiam, outros pateavam, não só o chão como o lombo de quem se lhes opunha. Edmond About, de cabelo desgrenhado, brandindo o braço de uma cadeira, aconselhava em altos gritos que, na noite seguinte, todos os admiradores de Sardou deveriam comparecer, mas armados até aos dentes.

Thiers teve de suspender as representações do *Rabagás*, calculando que, assim, aplacaria os ânimos. Mas qual! O conflito ter-se-ia agravado de tal maneira que o almirante Lamirault, governador de Paris, revogou prumidamente a ordem do governo, permitindo que a já célebre produção continuasse no cartaz.

Com o *Thermidor* ocorreu coisa semelhante, ainda que na noite seguinte à da estreia, tendo o escândalo atingido proporções extraordinárias. Dizia-se que fóra Clemenceau quem o urdira e manteve. Vários espectadores, na intenção de manifestar o seu protesto, atiraram algumas moedas de cobre ao actor Coquelin, *ainé*, que se encontrava em cena. Logo se desencadeou a conseqüente chuva de bordoadas que deixou muitas cadeiras partidas. Os ministros Constant e Bourgeois tiveram de proibir a representação do *Thermidor* que havia de ser uma das mais aplaudidas peças do grande dramaturgo francês, dentro e fóra da sua pátria.

Para se avaliar a grandeza do autor dramático basta conhecer as suas peças *Divorçons*, *Fédora* e a *Madame de Sans Oêne*. Isto chegará para se ter uma ideia da pujança desse espírito que cintilou durante setenta e sete anos.

Em 1903, Sardou declarava a Eduardo Zamacois:

"Há cinquenta anos que escrevo para o teatro, e sempre o êxito me tem sorrido. A prova está na minha última peça *La sorcière* estreada ontem. Tenho vencido sempre porque, antes de sentar-me a trabalhar, estudo o gosto da minha época. Sei muito bem que a crítica não é benévola comigo. Nunca o foi... No entanto, a certeza que me resta, ao cabo de meio século de trabalho, é a de que os autores se acusam o público de ignorância e pretendem corrigir as suas preferências, é porque não possuem a arte de agradar-lhe..

Que mais desejariam os seus modernos detractores?

Curioso desenho de Victorien Sardou, em 1872, quando estava em moda o espiritismo

É certo que, há meio século, os invejosos dos seus triunfos, não podendo ofuscá-los, nem negá-los, acusaram o glorioso dramaturgo do feio crime de plágio.

Com tão vasta produção, Sardou teve de recorrer muitas vezes a reminiscências, como seria natural.

Mas, o acusado não se deixou bater impunemente, e escreveu o seu livro *Mes plagiatos* que deixou confundidos os seus caluniadores.

Mas Victorien Sardou não foi apenas um autor dramático, foi também o mais perfeito ensaiador que o teatro francês teve em todos os seus períodos de existência.

Catulle Mendès chamou-lhe — e com razão — o "Homem-Teatro..

Quem o conheceu, não mais pôde esquecer a sua maneira de ensinar.

Nos ensaios era pontualíssimo. Logo que chegava, substitua o chapéu pela boina predilecta, e tratava de colocar todos nos seus lugares.

— Vamos ao ensaio! — intimava êle com a sua autoridade de comandante.

Quando um dos artistas gaguejava o papel que ainda não estudara ou não sabia compreender, erguia-se dum salto, dando a impressão de fazer a correcção à bofetada. Continha-se, no entanto, e aparentemente a maior serenidade, remoqueava com finura:

— Espera um pouco, meu querido (ou querida) que não é isso o que te ensinei!

E, assim, ia corrigindo os seus intérpretes.

Segundo as declarações de Marcel Prevost, "Sardou tratava por tu quasi todos os que o rodeavam, pois os tinha visto nascer. Longe de se melindrar com a reprimenda, o artista, sempre atento, obedecia. "Nas caixas," do teatro apinhavam-se os semblantes curiosos dos ou-



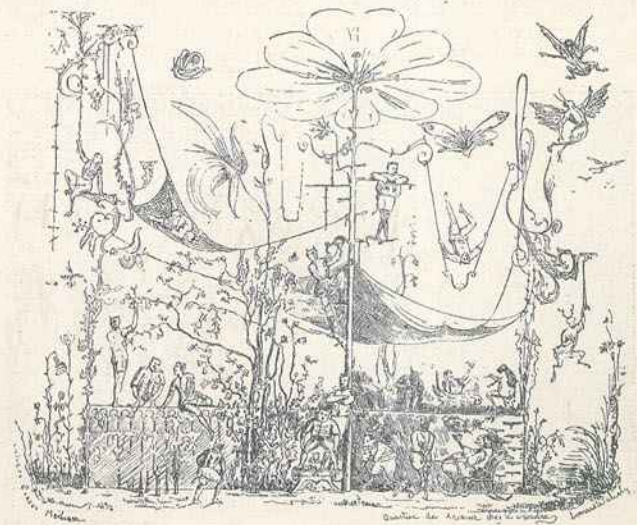
Victorien Sardou, aos 51 anos

tros, dos que "não figuram em cena.. Vêr trabalhar Victorien Sardou era um espectáculo que não podia ser desprezado...

"E escutavam anelantes, inquietos, desesperados por não poder igualar nunca um tal modelo..

Hoje, em dia, os videirinhos que aspiram a ter talento, embora sejam ôcos como cabaças, levam mais longe a sua petulância. Dão-se ares de pessoas de alto valor mental, esboçando gestos vagos para evitar as palavras que denunciam a sua estupidez chapada, e fazem por manifestar uma espécie de desdém por tudo o que é belo e duradouro.

E o mais curioso é que, por vezes, ainda conseguem fazer-se acreditar?...



Qualquer dia, Alphonse Deshayes

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O desolador aspecto de um prédio após um intenso bombardeamento que durou duas horas.



O aspecto de uma rua de Madrid após um bombardeamento aéreo pelos aviões nacionalistas. As janelas dos prédios esfaceladas pelas explosões, apresentam-se cobertas de geada. Frio e fogo. Nas ruas é impossível o trânsito, visto os destroços das derrocadas, árvores derribadas, terem obstruído completamente as mais amplas artérias.



A oeste de Madrid, a população, seguindo as indicações da Cruz Vermelha, conduz o que se lhe torna indispensável para locais onde o perigo se torna menor, graças a abrigos destinados à população indefesa. Em meio de tanta ferocidade é agradável saber que a benemérita instituição não abandona, ainda em meio dos mais graves riscos, a vida dos sem amparo.

OS PRESEPIOS DE MACHADO DE CASTRO

O grande artista que foi Machado de Castro, se muito se celebrou com a estátua equestre de D. José, não é menos conhecido pelos formosíssimos presépios, que modelou e podem ser ainda admirados na Sé de Lisboa, na Basílica da Estrêla e na igreja da Madre de Deus.

O grande escultor-arquitecto, tendo realizado em bronze êsse prodígio de grandeza que mais enaltecia a obra do Marquês de Pombal do que a passiva existência dum rei confiante e comodista, é muito maior ao modelar os barros bíblicos dos presépios do Natal. Manifestava-se, assim, o escultor excelso das coisas humildes.

Por certo que Machado de Castro, estudioso como sempre foi, não deixara de ler, na sua Coimbra, os sempre belos trechos dos clássicos, tanto mais que, antes de tomar o rumo de Lisboa, se inclinara mais para as Belas Letras do que para as Belas Artes.

Cultivou as musas, deixando vários vários folhetos em verso que foram bem acolhidos pelos zoilos de então. Não se limitou a modelar a estátua equestre de D. José, quiz escrever a sua descrição analítica e o seu método de execução, para que todos ficassem sabendo o vigor das suas faculdades de trabalho.

Se manobrava o escôpro com verdadeira proficiência, manejava também a pena com elegante facilidade.

Profundamente erudito, desejava saber mais e sempre mais. Assim se explicam

as suas longas meditações, vislumbrando a sua infância distante, a sua mocidade agitada como tôdas as mocidades — todo o tempo perdido, em suma.

Ao evocar a festa do Natal, não deixou de meditar nos conselhos de Frei Bartolomeu dos Mártires que se elevavam às estrêlas num misticismo tão delicioso como profundo.

Dizia o santo prelado bracarense:

“Vay o comer, que no presepio o acharas. Se até agora te deleytavam os manjares e deleytes dos cavallos e porcos, engeitaos agora, vay comer este menino por a fee e amor, e esprementaraas quam doce he aquelle presepio, quam ricos sam aquelles cuyrinhos, quam dourados estam aquelles paços. Nam celebres a festa de seu nascimento em carne, soamente com recreações de tua carne.”

O que era um presépio? Uma estabaria de bestas, um viveiro de feras, um estábulo, em suma.

Foi ali que Jesus nasceu, transformando-se o presépio no mais impressionante dos templos.

Na sua humildade, essa mangedoura, em que o Redentor do Mundo veio à luz, era mais rica, mais magnificente do que o mais opulento altar de ouro fino lavrado por mãos de mestre.

Foi entre irracionais que Jesus nasceu, sendo de míseros pastores as primeiras visitas que recebeu.

Se os reis magos, guiados pela estrêla, ali foram também render-lhe a sua home-



nagem e ofertar-lhe as preciosidades simbólicas, mais alto subiam as oferendas que os pastores pobresinhos depuzeram aos pés do Menino Deus, escolhendo as mais gordas rezes do seu rebanho.

Machado de Castro entendeu como ninguém êste sublime exemplo de humildade.

E, então, bafejado por um sôpro divino, começou a modelar os seus barros, dando-lhes vida, candura e unção.

Se muito aprendeu junto dos seus mestres Guisti e José de Almada, que lhe limaram as arestas e o aperfeiçoaram na execução dos mais arrojados trabalhos, a inspiração que o bafejou ao modelar os presépios veio, por certo, da recordação de sua mãe, a santa velhinha que lhe ensinara a murmurar uma enternecedora oração ante o menino Jesus recém-nascido.

A contemplação dos presépios dá-nos uma ideia absoluta dêsse memorável período judeu de que havia de surgir a redenção da humanidade. Aquelas figuras falam, movimentam-se, gestículam, animadas por um sôpro divino de perfeição. Dir-se-ia que Machado de Castro, à semelhança de Prometeu, fôra ao céu buscar o fogo sagrado para animar as suas estátuas.

E daí talvez fôsse, se atendermos a que o excelso artista tem sido mordido através das gerações pelo traícoiro milhafre da inveja. O que vale é as entranhas de Machado de Castro nada ficam a dever em resistência às do famigerado herói mitológico, pois renascem à medida que lhas abocanham.

Triunfou apesar de tudo.

Grande foi o talento dêste Mestre!

Machado de Castro foi o director da famosa Academia do Nú que já no final do século XVII venciu o preconceito da liberalidade em arte, identificando-a apenas como uma exigência nobre do espírito da beleza livre... Mas a sua grande obra, a sua melhor obra, aquela que o povo humilde sempre soube entender, consiste nos seus formosíssimos presépios.





A Paz — por Fantin-Laton

AGORA, que volta a falar-se na possibilidade duma nova guerra mais trágica e destruidora que a de 1914, só nos resta a esperança de que as grandes potências conjuguem harmonicamente os seus esforços no sentido de aumentar o sinistro espectro que mais uma vez volta a ameaçar a humanidade.

Está ainda na memória de todos nós a terrível conflagração mundial de há vinte anos que envolveu 27 nações e desorganizou completamente a vida económica do Mundo inteiro.

Nos campos de batalha caíram mortos 9.998.771 homens, sendo maior ainda o número dos que, em resultado dos ferimentos recebidos, ficaram inutilizados



O ídolo quebrado — por H. Delley Desfontaines

para tódá a vida. E quantas mais vidas se perderam ceifadas pela dôr da orfandade e da viuvez? Quantas vidas estalarão de fome por entre a miséria atroz que a guerra provocou?

Tendo sido as despesas dessa guerra computadas em cerca de quatro biliões de contos, que lucro tirou dêste formidável esforço a humanidade?

Tanto os vencedores como os vencidos ficaram arruinados por muitos anos, provando-se assim, por uma forma eloquente e inofismável, que a guerra é o mais desastroso meio de se alcançar o progresso que tódas as nações ambicionam.

"A guerra — já o nosso Padre António Vieira o disse — é um monstro insaciável, que nada respeita e tudo devora."

Repare-se que já dezoito anos decorreram sobre o armistício que fez calar os canhões, e o Mundo inteiro continua ainda com a sua vida económica desorganizada em consequência da pavorosa guerra que o assolou, debatendo-se ainda com problemas muito mais difíceis do que todos os que o preocupavam antes de 1914.

E tódá essa carnificina para quê?

Quem desapassionadamente seguir o desenvolvimento do progresso humano através dos séculos, terá de concluir que tudo o que a humanidade conquistou em seu proveito é fruto da paz e não da guerra.

Poderão objectar que, por vezes, a guerra foi necessária para afastar os obstáculos que se opunham à marcha da civilização. É verdade. Mas onde isso vai já! Hoje, que tudo pode ser discutido e compreendido por todos os povos, ainda os mais remotos e atrasados, não há necessidade de usar da força armada.

E mesmo nesses tempos, em que um capricho poderia originar uma carnificina, o progresso só começava a fazer raiair os seus efeitos benéficos após o estabelecimento da paz. O que a metralha destruidora impôs com a sua violência aterradora, poderia ser conseguido num tribunal arbitral em que prevalecesse o bom-senso, a ponderação e a verdadeira imparcialidade que não conhece interesses nem paixões.

Em tempos idos recorreu-se à guerra como o mais seguro meio de impor a razão, fazer prevalecer um direito e até satisfazer um capricho tão fútil como ridículo. Não iremos procurar o motivo da guerra de Troia que ficou célebre pela violência que a revestiu, e só porque uma desavergonhada mulher se lembrou de fugir ao marido.

Na catedral de Modena existe ainda o balde que, há nove séculos, deu origem a uma guerra terrível. Foi o caso que, tendo uns soldados de Modena roubado o balde dum poço público da Bolonha, negaram-se a entregá-lo. Isto deu lugar a escaramuças entre os

DECORRIDOS DEZOITO ANOS

A PAZ OU A GUERRA?

Eis a pergunta que se repercute através do Mundo

soldados dos dois Estados rivais, ateadando-se, a breve trecho, uma guerra que devastou grande parte da Europa, e ocasionou a prisão perpétua do rei da Sardenha, filho do imperador da Alemanha.

Mais fútil ainda foi o motivo que trouxe vários séculos de guerra entre a Inglaterra e a França: Para comprazer o arcebispo de Ruão, o rei Luiz VII consentiu em rapar a barba, tendo o facto desagradado tanto à rainha que acabou por pedir o divórcio. Meses depois, a divorciada casava com o rei Henrique II da Inglaterra, aproveitando todos os meios para atizar o ódio entre as duas nações, a ponto de desencadear a guerra.

A guerra dos Sete Anos, segundo a própria confissão de Frederico, o Grande, foi devida à sua vaidade, pois gostava imenso de ver o seu nome citado em grandes parangons nas gazetas.

O facto de um cidadão florentino ter despejado um balde de água sobre um cidadão de Milão, que passava, casualmente, por debaixo da sua janela, foi motivo de uma guerra.

Por um indivíduo não entregar um cachimbo que lhe havia sido emprestado por outro, houve uma guerra de alguns anos entre as raças rivais de Pamir e do Afeganistão.

A insurreição dos cipaiois na Índia foi precipitada por terem os indígenas acreditado que os cartuchos que lhes distribuíam eram engordurados com banha de porco, que os índios, como os muçulmanos, consideram animal imundo.

A guerra turco-russa começou, no dizer de vários historiadores, por ter um ferreiro de Herzegovina assassinado com um martelo um cobrador de contribuições que lhe insultara a filha.

Eis alguns dos fúteis motivos dessas contendas sangüinárias.

A guerra serviu sempre para destruir, e a paz para edificar. Tódas essas admiráveis realizações do progresso, que tendem a tornar mais cômoda e confortável a vida humana, tódas as instituições sociais que vizam a estabelecer a justiça entre os homens e as nações foram, são e serão sempre obras da paz.

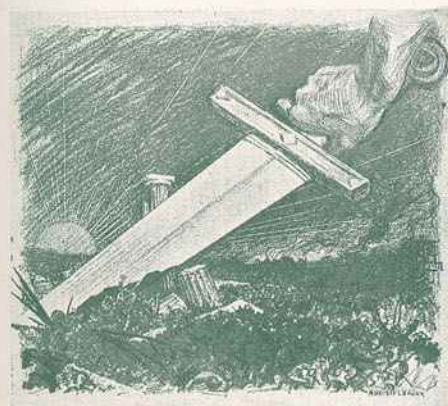
Enquanto a guerra produz e semeia ódios que levam séculos a desvanecer, (quando desvanecem), a paz aproxima os homens, levando-os a conhecerem-se e a ajudarem-se, conduzindo à solidariedade humana que é essencial e indispensável à vida económica e política do Mundo.

Sem a paz, o Mundo não gosaria nunca do colossal desenvolvimento industrial e comercial que pôe ao alcance de todos o que, noutras eras, era apenas privilégio de alguns.

A maravilhosa rede de transportes que facilita as comunicações não a poderia

manter a guerra destruidora que esfacela linhas férreas, dinamita pontes, levando até o seu requinte de ferocidade a semear de minas explosivas as próprias águas do oceano! As idéias generosas da liberdade, igualdade e fraternidade, que asseguram os direitos do homem e produzem o respeito e o auxílio mútuo, só a paz as poderia criar e tornar realidades palpáveis.

Dizia há tempos um grande estadista que sempre colocou ao serviço da paz



A espada destruidora — por Auguste Leroux

universal os seus melhores esforços: "E quanto mais teria a paz produzido, para resolver o problema da pobreza, da habitação, das desigualdades sociais e outros muitos que ainda alligem a humanidade, se todos dessem voluntariamente à organização científica da paz a décima parte do esforço e da riqueza que que são obrigados a contribuir para manter o monstro insaciável da guerra!"

Compreende-se a grandeza de alma dêste apóstolo. Mas — triste é reconhecê-lo! — não passava dum visionário que vislumbrava um mundo utópico, dum sonhador, cuja bondade era quasi tão grande como a sua ingenuidade infinita!

Dizia êle ainda:

"Parece estarmos chegados a um novo ciclo do Tempo. A humanidade desperta dêsse longo sono que não a deixava compreender as vantagens e a possibilidade da paz. O despertar é lento, mas é evidente e seguro. Assim como há muito os homens inventaram os tribunais para resolver os conflitos entre os indivíduos, e

lhes respeitam as sentenças, muitos estão a vêr que, com a mesma simplicidade, se podiam resolver pacificamente as discordâncias entre as nações. A arbitragem serena pode substituir com grandes vantagens as guerras fratricidas, inúteis e estéreis.

"Isso, porém, demanda uma poderosa organização, e só poderá realizar-se quando a paz tiver penetrado nas inteligências e nos corações. Reconhecendo-se que existe no homem o instinto combativo, vê-se a necessidade de aproveitar êsse instinto, dando-lhe uma orientação útil e progressiva. É preciso mostrar bem claramente o ideal da paz, e convencer cada um da necessidade de lutar pela realização dêsse ideal, para se estabelecer no Mundo a verdadeira civilização, a civilização perfeita. Guerra à guerra! é o lema dos pacifistas, mas com as armas da paz e da justiça. O espírito combativo deve canalizar-se em benefício da humanidade, para que seja extinta a miséria e o sofrimento físico e moral.

"Os antigos diziam: *Si vis pacem, para bellum.* (Se quereis a paz, preparai a guerra). Ainda há quem acredite nesse alorismo latino que equivale a aconselhar aos que desejam a saúde que preparem a doença. Felizmente vai crescendo o número dos que entendem que quem quer a saúde tem de combater a doença. Assim também quem deseja a paz, terá de combater a guerra, não com as espingardas ou com os couraçados, que são as armas da guerra, mas com a educação dos espíritos e com a demonstração

de que a paz é uma necessidade das consciências e a lei do mundo moral para a ventura e progresso da humanidade.

de que a paz é uma necessidade das consciências e a lei do mundo moral para a ventura e progresso da humanidade.



O trágico triunfo — por G. Rothgrasse

"Muitas são as vezes que através dos séculos, têm chamado a humanidade para o caminho da paz. A mais sublime pela sua simplicidade e elevação foi a de Cristo quando proferiu os ensinamentos eternos do "Amai-vos uns aos outros, e do "Faça cada um aos outros o que quere que os outros lhe façam."

"Dêsse princípio basilar têm brotado mil formas de actividade pacifista, e hoje, além da religião, muitas actividades políticas, económicas e sociais, se encaminham no sentido da paz. No campo político vemos em marcha a ideia da federação dos Estados, que, na concepção de Briand, pode ir até o ponto de se criar os Estados Unidos da Europa; no campo económico, a indústria e o comércio inclinam-se para a organização internacional, e no campo intelectual e moral, a solidariedade é já hoje um facto incontestável.

"Além dêstes movimentos que o próprio interesse imediato movimenta, há as instituições pacifistas propriamente ditas, cuja acção é enorme em todo o Mundo, a favor da paz. Isto é tudo quanto há de mais autêntico e real."

Escrevia-se isto há cinco anos com a mais encantadora bondade e a mais ingénua das confianças.



A patrulha — água-forte do pintor Sousa Lopes

O teatro mais moderno do Mundo

A verdadeira arte teatral, que tantas vezes deslumbrou os nossos avós, graças ao génio dos grandes artistas, acabou para sempre.

O constante avanço da civilização esmagou definitivamente os grandes talentos que só em si contavam, como a pólvora acabou de vez com os esforçados batalhadores de montante e armadura.

Muito se falou na garganta privilegiada de Caruso, cuja voz se elevava numa marcha triunfal até o céu.

Hoje, qualquer corista o suplantaria, tendo à mão um alto falante...

Vejamos o que já se consegue:

No Teatro da Ópera de Berlim acaba de ser criada uma instalação electro-acústica que, no sentido de inovação, pode ser considerada a mais perfeita até hoje. Trata-se duma ampliação da instalação distribuidora de som montada há oito anos neste teatro, e que tão bons resultados deu, que actualmente, na Alemanha, existem quatro teatros com instalações análogas. A reprodução artificial do som é capaz de reproduzir todos os sons musicais quasi tão bem como o original, isto é, como a orquestra ou a voz humana, ou, usando dos termos técnicos, diremos que a acção amplificadora abrange actualmente todas as vibrações sonoras em 30 a 10.000 por segundo, e permite eliminar completamente todas as perturbações produzidas pela amplificação (coeficiente de distorção não lineal) e reproduz todos os sons quasi com a mesma fidelidade que a música original. E, assim, as instalações de altofalantes modernos podem enriquecer e aperfeiçoar a forma artística, ao mesmo tempo que facilitam o trabalho dos artistas, e, em especial, o do director de orquestra.

As missões mais importantes desta ins-

talação podem ser assim discriminadas: a transmissão e amplificação da voz falada ou cantada, de modo que o director de orquestra tem a possibilidade de reanimar o som de cada papel, e corrigir os defeitos acústicos que se notem no palco ou na plateia. Pode amplificar a voz de um cantor ou a fala declamada, a fim de obter efeitos especiais. As vozes dos coros podem ser captadas em locais situados fora do palco e transmitidas à cena por meio de altofalantes. Também as conhecidas máquinas de teatro, tais como: tambores de chuva, aparelhagem para reproduzir o ribombar dos trovões e o sibilar do vento, etc., podem ser convenientemente enriquecidas em face da instalação acústica, fazendo com que os ruídos e sons emitidos por discos gramofónicos cheguem aos ouvidos dos espectadores através duma instalação de altofalantes, o mesmo sucedendo com o soar do gong ou o toque de sinos. Finalmente, esta instalação secunda eficazmente o trabalho no palco durante os ensaios, visto que as instruções do ensaiador são transmitidas a todos os sectores, atingindo-se assim a harmonia completa. Os coros em massa, que nos trabalhos preparatórios, poderiam estorvar a cena, podem reunir-se agora em quaisquer outras salas.

Quando a direcção do Teatro da Ópera de Berlim solicitou o auxílio da Telefunken, declarou que, não sendo possível um aperfeiçoamento ideal, se contentava com as melhorias que conseguisse obter.

Pois não só foram satisfeitos plenamente os desejos da direcção do Teatro da Ópera, como também foram criadas instalações suplementares que redundam em benefício dos expectadores. Nos corredores e nas salas de espera, por exemplo, foram montados altofalantes que per-



O comecido sistema da conexão e desconexão dos microfônios

mitem aos que chegam tarde poderem escutar a abertura, fora da sala de espectáculo, ou tomar conhecimento de qualquer notícia especial da direcção, ou de qualquer alteração do programa.

Na fila 19 da plateia há vinte cadeiras com auriculares para surdos. Também há linhas especiais para transmitir qualquer representação à estação emissora. Uma outra instalação permite aos que tomam parte nos ensaios e nas representações definitivas seguir, nos seus camarins, o decorrer da peça e saber, com precisão, quando tem de comparecer no palco.

Na orquestra, no palco, nas salas de coros, nas câmaras de transmissão e na sala de espectáculo há 19 tomadas microfónicas. Para a amplificação e conexão destas e dos altofalantes há uma central com grandes quadros de distribuição que permitem efectuar em poucos segundos todas as manipulações necessárias para conexão e desconexão. Na orquestra, perto do palco e da central, há três postos reguladores da intensidade do som. Altofalantes de controlo transmitem ao engenheiro do som as mesmas sensações acústicas que os espectadores. Na cabine da direcção do som há, cêrca da central, um duplo gramofone para intercalação de discos na representação, e um carrilhão electro-acústico.

Na cena há seis altofalantes de combinação que reproduzem os tons altos e baixos separadamente, e por conseguinte duma maneira perfeita e clara. Dois deles encontram-se aos lados da cena, ou seja sobre a orquestra. Estes alto falantes possuem paredes acústicas de 6 mm que irradiam os sons sem os amortecer. Os outros quatro encontram-se no palco, permitindo deslocar a radiação do som para trás ou para diante. Como em alguns casos, os cantores têm que fazer algum esforço para superar ou dominar a orquestra, a primeira fila de altofalantes transmite as vozes dos artistas, conseguindo fazê-los ouvir com absoluta clareza.

Na cabine de controle do som



ACTUALIDADES DA QUINZENA



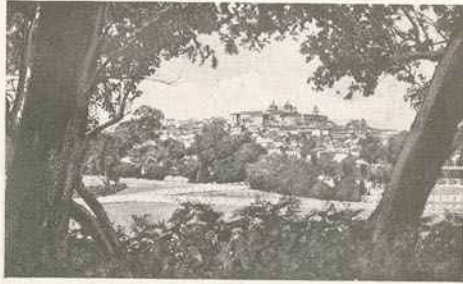
Festa infantil — A Escola Infantil n.º 1, do Porto solenizou o Natal com os mais entusiásticos aplausos da petizada que sob êsses tectos protectores se abrigam. Foi improvisado um curioso «Auto do Natal», tendo, no final sido distribuído a tôdas as crianças vestuários, doces, géneros alimentícios e brinquedos. Calcule-se a alegria dessas pequeninas-almas que com bem pouco se contentam. As nossas gravuras apresentam um trecho da selecta plateia, e a attitude impaciente do Pai Natal distribuindo brinquedos e guloseimas



Festa no Quartel de Marinheiros — Comemorando o Natal, realizou-se no Quartel de Marinheiros uma impressionante festa a que assistiu o sr. Presidente da República com sua esposa. As gravuras acima mostram um especto da assistência à festa, e o Chefe do Estado, com sua esposa e o elemento oficial. Num quadro exposto lia-se, em grandes letras esta eloqüente legenda: Total atingido por subscrição até 19 de Dezembro de 1936 — 26.832\$34 — Filhos de soldados e marinheiros contemplados, 746, de sargentos do Exército e da Armada, 916



Festa do Curso de Direito (1921-26) — Os antigos alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (1921 a 1926) festejaram o 10.º aniversário da sua formatura. Após a celebração duma missa por alma dos condiscípulos já falecidos, dirigiram-se ao gabinete do director da Faculdade de Direito, dr. Domingos Pinto Coelho, tendo o dr. Palma Carlos saudado os mestres, em nome do curso, e recordado os tempos idos e a amizade que sempre uniu todos os condiscípulos. Realizou-se um almoço em que foram trocados os mais colorosos brindes. — A' direita: Os primeiros passageiros e as primeiras encomendas chegadas da Alemanha pela Luftansa



Um lindo trecho de Viseu

humano urde nino e faz-se convidado como as aves ao banquete da vida. Na estrada, ao lado, uma precisão vai passando. No macadame desenrola-se um tapete de funchos, de páscoas, de abrótegas, de espadanas, de juncos, de alecrim e de rosmãinho.

Erra um perfume esquisito, doce e acre, das plantas pisadas sobre o arado.

Foguetes, música... E sol divino!

É a mesma procissão da minha infância, que tantas vezes vi em outras terras da Beira: o senhor prior, majestoso nas suas vestiduras, debaixo do pálio, expondo o Santíssimo, com os seus acólitos, o digno juiz com a umbela, pausado, grave, os mordomos, de luzido fato, levando o andar aos ombros, com as mordomas tafuis à frente, as irmandades, com vestes encarnadas e róxas, conduzindo volitivas velas, e os anjinhos, de asas de cambraia, cobertos de lentejoilas, o cabelo aos caracóis, a face corada, babadinhos; e, desfaldando-se nos ares, estandartes e pendões, flamejantes insignias do paganismo erguidas ao céu. E a filarmónica, empenhada, com o metálico instrumental atroando as quebradas.

Mas, na vanguarda do cortejo, precedendo os guíões — Jesus! — que vejo!? Um rebanho de bodes com laços de seda multicolores nos chifres, com a sua pera imponente, a cornadura erguida, chibantes, mefistofélicos, a passo cadenciado!...

E que de árvores floridas! Das grandes madeiras adejam pétalas aos milhares; e, a cada instante, nêste doce vergel, há uma chuva de rosas...

E o centeio, a cevada, a aveia e o trigo, tudo vão colorindo, vales, encostas, outeiros... Marulham, maravilhadadas, as águas! Nas vezes alegram-se os souts, re-

MANHÃ cedo. Primavera. Saíndo de Viseu, termina a larga várzea, numa sementeira de casais.

Súbito, avança o bravo da montanha de rápidos valesiros só cortada.

É agora, à esquerda, Santo Estevão. À direita o Monte de Santa Luzia. Depois, o Campo. E são verdadeiras pradarías que começam, com Mozelos, linda aldeia assente nas faldas da colina. Travanca assoma.

O caminho de ferro segue na orla de um grande vale, rico de culturas. E vamos assinalando, aqui e além, lugares festivos, acolhedores, sorrindo entre os souts e a esmeralda dos prados, cantando no rumor das águas.

Chegando a Bodiosa, avista-se a serra da Gralheira.

A linha de berço e a de enforcado dominam já. E da aspereza dos montes à doçura das campinas cresce a laranjeira com os seus pómos de ouro.

Mossãmedes — um jardim no vale largo e profundo.

E é já a bacia vasta de léguas — tão formosa! — circundada por serranias, cujos espigões avançam, cobertos de pinheiro.

Os povoados nascem do solo, como por maravilha. E desde o "thalweg", onde remanescem os arriolos, até às portelas, onde os ventos combatem, o ser



O marmareo Vouga na Ponte da Rata

VIAGENS NA PANORAMAS DE VISEU, PELO VALE

bandando os gomos, e, desabrochada a folhagem, revestindo-se de verde litúrgico, de verde bronze e ouro, carvalhos, castanheiros e sóbros vão-se deabalada pelos montes, até ao negrume dos pinhais cerrados. E a sombra floresta é penetrada de luz resgatadora.

A trincheira vai-se abrindo em granito. Sucodem-se pequenos túneis. E, de improviso, numa fulguração, lampeja à direita o Vouga... S. Pedro do Sul!

Para sempre o quadro se fixa na retina; o anfiteatro magnífico, as variadas culturas escalonando-se em socalo, a fragrância das vinhas e dos pomares, as searas ondeantes, os bastos arvoredos de adorno e de sombra.

E o casario, apinhado aqui, solto além, lugúrios de humildes, mansões burguesas, fidalgos solares, jardins e hortêjos, e a melancólica voz do Vouga, entre os afagos da briza e os murmúrios dos regatos, e a majestade da montanha iminente, solene e religiosa...

A linha férrea, que parecia despenhar-se, brandamente coeila, demandando S. Pedro, e vem descendo, até que, atravessado o rio, pára em frente do povoado, na orla da veiga. Velhos carvalhos, entre casais floridos, torcem seus vigorosos troncos, no amoroso esforço de suster as vides que das altas ramadas se desatam, atirando-se, ébrias, à fugidia corrente...

Partindo, de novo atravessamos o Vouga. A água espadana nos açudes. Corre, na outra margem, a estrada das Termas. As trincheiras estão cobertas de ouro dos giestais. Dos pomares sóbe uma canção alada. A locomotiva arfa, na subida. Flameja ao sol o sobreiral adusto. Investimos contra o mórro da Nossa Senhora do Castelo. O santuário, contemplado a distância, mais cidadela que templo, parece suspender sobre abismos baluartes e barbacãs. Sóa na torre o alarme dum sino de correr...

A linha rompe as raízes da formidável fortaleza. Ao desembocar do túnel, Vouzela aparece à direita, toda apinhada no sopé do monte. Sobre a estrada os carvalhos frondejam. Atravessamos o Zela, que, perto, alflue ao Vouga. O panorama dilata-se. E as colinas vão bater contra a Gralheira. O vale sereno desce com o sereno rio, que rebilha na verdura.

Há agora um desafio entre a via de macadame e a via férrea, ambas subindo, volteando, cabriolando sobre precipícios...

Do vale trepa o amanhadio em socalos. E nas encostas e nas lombas soa-

MINHA TERRA DA BEIRA DO VOUGA, A AVEIRO

lheiras realça o esplendor dos vinhedos. Ao perfume silvestre dos matos junta-se o cheiro húmido da terra, acre, e o travor resinoso dos pinhais.

S. Vicente é uma enseada edénica. E, encostando-se aos contrafortes da Gralheira, que surtos de povoados tentadores!

Oliveira de Frades. O vale de Lafões continua, magnificente: a paisagem privilegiada, característica entre tantas maravilhas da terra portuguesa, é de uma decoração assombrosa, fundindo montes, águas, côres de vegetação e de solo em doce melancolia.

Subimos sempre até Pinheiro. À volta da estação, já distanciada do vale, as culturas alternam com o maninho, vestido de tojos e éricas, de carqueja e fetos.

De capucha, uma pobre mulher despede-se da filha ternamente, e recomenda, entre soluços:

— Rapariga, porta-te bem! Minha filha, tem juízo!...

E a filha, morena de olhos pretos que cintilam, de braços roliços e ancas cheias, tóda airosa e bem vestida, sorri, debruçando-se da portinhola:

— Para o que lhe havia de dar, senhora mãe! Sempre tem coisas!...

Na realidade, esta mãe tem coisas, coisas esquisitas, lembranças singulares — estranhos remeques do inverno à Primavera em flor...

E, no arranque da locomotiva, ainda a mãe suplica:

— Rosa, tem cuidado, porta-te bem, tem juízo!

A rapariga lança ao vento o seu lençinho branco; cai depois, em tristes lágrimas, na bancada... O seu peito ofegante, a sua boca tímida, o seu corpo perleito!... Rosa brava dos montes, como te aclimaras na cidade?

O castanheiro desabotôa. O carvalho cerquinho dorme ainda, enquanto o alvarinho já verdeja nos visos. O medronheiro derrama-se pelas quebradas. E, transitando alternadamente sobre schisto e granito, topamos Vila Chã.

O vale de Lafões é como um grande fôssco entre a serra da Gralheira e a serra das Talhadas. Mas esta não é senão um contraforte da serra do Caramulo, embora as separe o rio Águeda. A gente destes sítios é já decerto caramuleira. Não só o denuncia o seu tipo físico, mas também a linguagem castiça, a fácil elocução, a expressão clara do pensamento, o dizer simples que vai em linha recta. E uma franqueza rude que não exclue a polidês fidalga.

De monte a monte é tudo fragrância e côr; ondas de perfume silvestre correm

no ar lavado, em di-reitura ao mar.

Passamos Arco-zelo das Maías. Agora é Ribeiradio... Que lindo!

Sucedem-se pequenos túneis. E fortes de água e de verdura.

Além vem Cedrim. E, antes de Paradela, e a proximam o-nos do Vouga...

Sempre em anfiteatro, a um e outro lado do rio, vão subindo socalos. A floresta corre ao cimo dos montes.

E o rio é uma delícia. O Poço de Santiago é um idílico trecho intraduzível, que murmura suavidade, amor, enternecimento. É uma concentração saúdosa, como um suspiro fundo, encerrados vale e rio na palpação das montanhas, sob o azul do céu.

Passamos por uma ponte nos conduz à margem direita do Vouga, cujo leito é agora areado e liso, espelhando as colinas nas águas verde-claras. Para o vale, que se confrange, desembocam dos grelhos ondas róxas de flor de urze. O caudal serpeia entre salgueiros... Retalhos de insuvas, portinhos, angras...

Pelos montes, a giesta vai atirando aos matagais abadas de ouro. Já barcos sulcam o rio. Desde o Carvoeiro o vale alarga-se e a corrente aprofunda-se...

Em Sarnada estroca, no caminho de ferro do Vale do Vouga, o ramal de Aveiro, que vamos seguir. Atravessamos de novo o rio.

Eis um remanso doce das águas onde barcos estão pairando — o portinho de Serem. Visinha, a quinta do antigo domínio conventual, com uma formosa mata. Aqui perto, no Marnel, se bateram absolutistas e liberais, há cem anos.

Macinhata do Vouga. Salão, barros, grés vermelho. Sobre a verdura dos campos, tapetes de amarelo pampilho e de irizada soagem.

A serra da Gralheira fica a nordeste; declinando para norte, as serras do Arestal e das Talhadas. Seguimos à borda das veigas, sementeiras de povoados. Dos outeiros descem sempre pinhais. O clima torna-se aqui mais amoroso. Já as vides bracejam pãmpanos. A vinha de enforcado, que dominou em todo o percurso, desapareceu. Na Agúieira apuram-se as culturas — magníficos vinhedos e pomares-jardins.

Passamos Mourisca. Às Barreiras de Águeda avista-se a serra do Buçaco. Bem próximo se feriu, em 1919, o combate em que perdeu a vida o heróico capitão Vasques. Como a terra de Portugal continua a ser regada de sangue de portugueses!

Já a várzea se dilata a perder de vista. Estamos nos campos de Águeda. A vila estancaia sobranceira, em formosa cenografia. Ao sair da estação, avistam-se Recardães, Espinhal, Ois da Ribeira. Para sul, Requeixo, na margem esquerda do



Aveiro — Veneza lusitana

Águeda. Souts de carvalhos nas encostas.

Além do Casal de Álvaro, em Cabanões, avista-se o fundo da Pateira de Fermentelos, formada pelas águas do Cértima, afluindo ao Águeda. Deixamos Travassó, à direita. As paredes das casas são formadas de adobe e de saibro rijo, que é a pedra da região. Atravessamos o rio Águeda que, além da Ponte da Rata, entra no Vouga. Desde Sarnada o não tornáramos a avistar. Salgueirais, vimais, amieiros andam boiando sobre as águas. Alinham-se sobre as estradas os altos troncos dos choupos e dos negrilhos.

Que beleza a da paisagem! Aberta ao céu, clara, luminosa, nimbada de ouro, fulva, entre as mansas águas e as grandes árvores, ela caminha, doce e lenta, espriando-se até ao Oceano.

Barcos descem, de velas soltas... Eitrol, S. João de Loure, Eixo. À direita, Esgueira.

E, no poente, Aveiro, — as praias, o farol, o Mar...

Lopes d'Oliveira.



Mulheres da Serra do Caramulo

Mário Barros



UM novo livro de Mário Barros em que se desenvolve uma vida torturada nas páginas de algumas cartas cheias de emoção e realidade. É necessário ter-se passado pelo transe para se entrar tão fundo nos sombrios arcanos da psicologia humana. O autor da "Sempre noiva", conseguiu avolumar os seus créditos já firmados.

Joaquim de Paço d'Arcos



O autor do "Herói Derradeiro", e dos "Amores e Viagens de Pedro Manuel", não carece já de apresentações ante o público português que sabe ler. Se carecesse, limitar-nos-íamos a apresentar-lhe o "Diário dum emigrante", e a dizer-lhe: Leia, que lê um bom livro, escrito conscienciosamente, em boa prosa, e digno do maior aplauso.

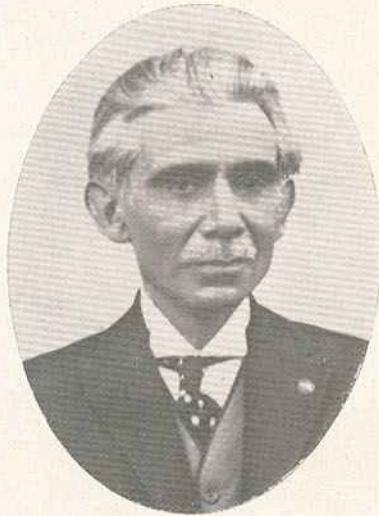
Centenário de Ramalho Ortigão



A memória do grande escritor Ramalho Ortigão foi solenemente evocada no Porto, sua terra natal, em grandiosas cerimónias de consagração. Após o descerramento duma lápida na rua que tem o nome do formidável crítico de "As Farpas", foi inaugurada uma exposição bibliográfica de Ramalho Ortigão, uma sessão solene. A nossa gravura apresenta um trecho da assistência ao descerramento da lápida. — A' direita: Um aspecto do comício anti-comunista nas

FIGURAS E FACTOS

António Correia de Oliveira



O poeta do "Verbo ser e verbo amar", publicou um novo livro que intitulou "Roteiro da Gente Moça", que ficará sendo um excelente guia dos espíritos em formação.

Enfeixou nesse volume de formato tão pequenino que quasi cabe na palma da mão, máximas, conselhos e provérbios que ensinam a amar a terra abençoada que nos foi berço.

Este livro não será a sua melhor obra, mas enternece pela sua intenção. É que o poeta da "Ara", e de tantas obras em que patenteou os seus vãos de condôr, entrou numa fase apostólica e simples como o ciclar das ramarias de Belinho. Agradou-nos, portanto, a sua obra, mas apenas pela santa ingenuidade que a reveste.

Bourbon e Meneses



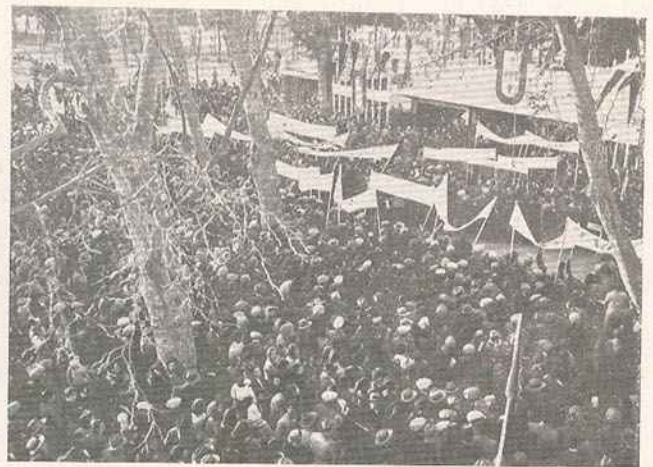
NÃO conhecem "A Ronda da Noite"? É um dos melhores livros de Bourbon e Meneses. Poderia chamar-se também a Ronda de Lisboa, visto que tudo o que há de miserável e sofredor ali perpassa. Bourbon e Meneses, mais que um médico, não observou corpos doentes, auscultou almas alanciadas pelo sofrimento.

António Rosado



MAIS um volume de versos dum poeta que de sabrocha, não em camélias singelas e nevadas, mas em chamas rubras como os horizontes que visiona. "Labaredas" é o do seu livro, e oxalá que seja a oferenda votiva para a grande obra que o seu cérebro engendra e todos nós desejamos ardentemente.

Comício nas Caldas da Rainha



NOTAS DA QUINZENA



O Orfeão Académico de Lisboa, antes de partir para o Funchal, visitou o ministério da Instrução. Conduzidos pelo seu regente, o maestro Hermínio do Nascimento, os esperançosos mancebos foram ali apresentar os seus cumprimentos de despedida ao titular daquela pasta que é também seu presidente honorário. Quando o sr. dr. Carneiro Pacheco entrou no Salão Nobre, o Orfeão cantou o hino nacional. Seguidamente, o ministro da Instrução usou da palavra, dirigindo palavras de incitamento aos orfeonistas, terminando por lhes desejar uma feliz viagem, com a certeza de que os madeirenses saberiam receber a embaixada da Universidade de Lisboa



Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. — Sob a presidência do ministro da Educação Nacional realizou-se no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho a solene abertura do novo ano lectivo. Após a sessão solene fez-se a distribuição de prémios relativos ao ano anterior transacto. Os dois prémios pecuniários mais importantes couberam, o primeiro — «Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho» — à sr.^{ta} D. Amélia Nogueira de Figueiredo, visto ter concluído com distinção um curso superior, e o segundo à sr.^{ta} D. Maria Augusta Santana que concluiu o curso complementar de letras.



Tendo completado o 36.^o aniversário da sua fundação, a Associação Protectora da Primeira Infância realizou uma festa comemorativa que teve a assistência do sr. Presidente da República. Na nossa gravura vê-se o sr. general Carmona, acompanhado pelo ministro da Educação Nacional, dirigindo algumas palavras às mães que daquela modelar instituição beneficiam. — *A' direita*: Um aspecto da cerimónia da inauguração de uma lápida na casa onde viveu o historiador Gama Barros. Tendo rendido, com freqüência, justas homenagens à memória de homens ilustres, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa não podia esquecer o autor da História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII e XV

Mário Barros



UM novo livro de Mário Barros em que se desenvolve uma vida torturada nas páginas de algumas cartas cheias de emoção e realidade. É necessário ter-se passado pelo transe para se entrar tão fundo nos sombrios arcanos da psicologia humana. O autor da "Sempre noiva," conseguiu avolumar os seus créditos já firmados.

Joaquim de Paço d'Arcos



O autor do "Herói Derradeiro," e dos "Amores e Viagens de Pedro Manuel," não carece já de apresentações ante o público português que sabe ler. Se carecesse, limitar-nos-íamos a apresentar-lhe o "Diário dum emigrante," e a dizer-lhe: Leia, que lê um bom livro, escrito conscienciosamente, em boa prosa, e digno do maior aplauso.

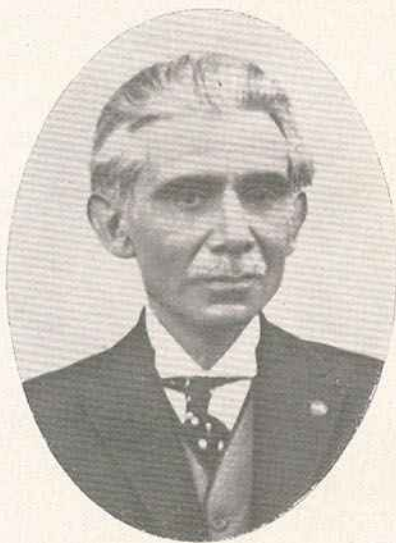
Centenário de Ramalho Ortigão



A memória do grande escritor Ramalho Ortigão foi solenemente evocada no Porto, sua terra natal, em grandiosas cerimónias de consagração. Após o desceramento duma lápida na rua que tem o nome do formidável crítico de "As Farpas," foi inaugurada uma exposição bibliográfica de Ramalho Ortigão, uma sessão solene. A nossa gravura apresenta um trecho da assistência ao desceramento da lápida. — A' direita: Um aspecto do comício anti-comunista nas

FIGURAS E FACTOS

António Correia de Oliveira



O poeta do "Verbo ser e verbo amar," publicou um novo livro que intitulou "Roteiro da Gente Moça," que ficará sendo um excelente guia dos espíritos em formação.

Enfeixou nesse volume de formato tão pequenino que quasi cabe na palma da mão, máximas, conselhos e provérbios que ensinam a amar a terra abençoada que nos foi berço.

Este livro não será a sua melhor obra, mas entenece pela sua intenção. É que o poeta da "Ara" e de tantas obras em que patenteou os seus vôos de condôr, entrou numa fase apostólica e simples como o ciciar das ramarias de Belinho. Agradou-nos, portanto, a sua obra, mas apenas pela santa ingenuidade que a reveste.

Bourbon e Meneses



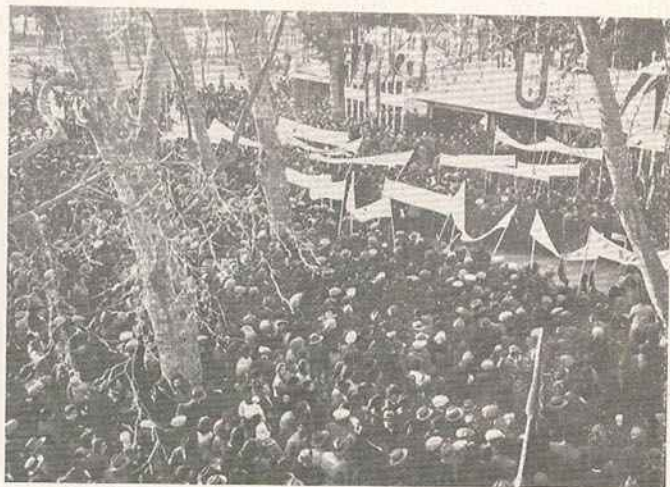
NÃO conhecem "A Ronda da Noite,"? É um dos melhores livros de Bourbon e Meneses. Poderia chamar-se também a Ronda de Lisboa, visto que tudo o que há de miserável e sofredor ali perpassa. Bourbon e Meneses, mais que um médico, não observou corpos doentes, auscultou almas alanciadas pelo sofrimento.

António Rosado



MAIS um volume de versos dum poeta que de sabrocha, não em camélias singelas e nevadas, mas em chamas rubras como os horizontes que visiona. "Labaredas," é o do seu livro, e oxalá que seja a oferenda votiva para a grande obra que o seu cérebro engendra e todos nós desejamos ardentemente.

Comício nas Caldas da Rainha



NOTAS DA QUINZENA



O Orfeão Académico de Lisboa, antes de partir para o Funchal, visitou o ministério da Instrução. Conduzidos pelo seu regente, o maestro Herminio do Nascimento, os esperançosos mancebos foram ali apresentar os seus cumprimentos de despedida ao titular daquela pasta que é também seu presidente honorário. Quando o sr. dr. Carneiro Pacheco entrou no Salão Nobre, o Orfeão cantou o hino nacional. Seguidamente, o ministro da Instrução usou da palavra, dirigindo palavras de incitamento aos orfeonistas, terminando por lhes desejar uma feliz viagem, com a certeza de que os madeirenses saberiam receber a embaixada da Universidade de Lisboa



Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. — Sob a presidência do ministro da Educação Nacional realizou-se no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho a solene abertura do novo ano lectivo. Após a sessão solene fez-se a distribuição de prémios relativos ao ano anterior transacto. Os dois prémios pecuniários mais importantes couberam, o primeiro — «Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho» — à sr.^a D. Amélia Nogueira de Figueiredo, visto ter concluído com distinção um curso superior, e o segundo à sr.^a D. Maria Augusta Santana que concluiu o curso complementar de letras.



Tendo completado o 36.º aniversário da sua fundação, a Associação Protectora da Primeira Infância realizou uma festa comemorativa que teve a assistência do sr. Presidente da República. Na nossa gravura vê-se o sr. general Carmona, acompanhado pelo ministro da Educação Nacional, dirigindo algumas palavras às mães que daquela modelar instituição beneficiam. — *A' direita*: Um aspecto da cerimónia da inauguração de uma lápida na casa onde viveu o historiador Gama Barros. Tendo rendido, com freqüência, justas homenagens à memória de homens ilustres, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa não podia esquecer o autor da História da Administração Pública em Portugal nos séculos xu a xv



A doce paisagem que envolve Coimbra

Também nunca percebi porque é que a Suprema Bondade precisa especialmente de alegrar essa época da vida. Depois, sim. Quando a neve cai já sobre a nossa estrada, e os "aureos colibris", de que fala Junqueiro, nos deixam a nós o coração vazio, para ir fazer o ninho em outro coração, nessa altura é que a Graça Divina se devia exercer, eficazmente, para nos dar a ale-

Meu querido amigo.

Com risonha surpresa, li o que no último número da "Ilustração" se dizia a meu respeito.

Só assim veio ao meu conhecimento que era poeta, e que me atribuíam uns versinhos galantes, feitos a uma cortina e a uma Senhora, que o autor dos versos dizia que estava por detrás dela. Eu acho a "partida", graciosa, não estou de modo algum zangado, nem sequer contrariado com o caso, mas sou forçado, mesmo por modéstia, a dizer esta coisa simples: esses galantes versos não são escritos por mim, e só tomei deles conhecimento, como qualquer outro leitor da vossa "Ilustração". A composição é bonitinha. O seu autor deve ser pessoa educada, daqueles sujeitos de quem se diz que são "muito finos", e não sei porque, suponho-o um tudo nada línfático. No meu tempo de Coimbra, conheci um estudante a quem chamavam o "Antunes dos bigodes", — por causa duns fardos dos bigodes à Kaiser, que lhe ornavam o lábio. Este rapaz, que é hoje uma pessoa considerável, tinha o segredo das sínteses lapidares, em duas, três palavras, proferidas com gravidade e convicção, através da farta bigodeira. Lembra-me que, uma vez, falando nós dum poeta do tempo, Antunes decretou com uma absoluta certeza esta coisa lapidar: "Fulano, é um poeta bastante satisfatório". Ora, eu sempre gostei de adoptar as fórmulas, quando elas me pareciam perfeitas e adaptáveis à hipótese, e assim, parafraseando o Antunes, direi do autor dos versos, que êle me parece — "bastante satisfatório".

Mas também me parece esta outra coisa: é que êle deve ter, no máximo, vinte e cinco anos. Essa idade é a idade lírica. Só nessa quadra da vida se espreitam, líricamente, as cortinas de renda das janelas, defronte das casas onde há raparigas bonitas. Só a mocidade desculpa essas atitudes bisbilhoteiras. Eu não tenho aqui, ao alcance, a minha certidão de idade, mas peço-lhe o favor de acreditar, sob palavra, que já passei por lá, por aquê tempo que até Deus alegre, como se diz no ritual romano: *ad Deum qui laetificat juventutem mea.*

gria que nos falta. Porque é nesse tempo que o homem precisa dêsse favor especial, para combater a melancolia que se prende e se liga às almas, na rijeza com que os musgos e os lichens, se prendem às árvores cansadas. E' assim que o Sol, no outono, é como um sorriso da natureza. No "verão de S. Martinho", até os lagartos intoiridos de frio, saem dos muros de pedra solta, a gosar-lhe a luz e o calor.

Mesmo que eu, em rapaz, fui alegre, mas nunca fui lírico. Cultivava o lirismo, — apenas sob a forma da "Canção Nacional". Fui "cultivador". Os dedos nunca me serviram para medir as sílabas dos versos, mas para pisar cordas de arame. Tinha a minha predilecção, "o mi menor"... Algumas vezes, acompanhei ao violão choroso, a "Rosa Regimental", grande cantadeira do meu tempo, que, se já não é viva, Deus a tenha em sua santa guarda, em paga dos momentos de êxtase inefável que me deu, quando na Estrada da Beira, em noites românticas, "sonorisava aurora na garganta".

Assim, meu caro Gomes Monteiro, eu nunca fiz versos... Perdão. Não digo inteiramente a verdade. Fiz — mas foi só uma vez. Se você me dá licença, eu conto o caso.

Estava eu no meu quarto ano jurídico, quando apareceu em Coimbra, hospedando-se no

Coimbra dos estudantes



RECORDAR É VIVER!

Coimbra — inspiradora de elegias e vilancetes

De como se prova a inspiração dum poeta mesmo sem estar... por detrás da cortina

Avenida, um casal de turistas, acompanhados duma filha. O nome dos pais não sei, mas sei que a filha, talvez por uma remota origem francesa, se chamava Germaine. Descrever-lha, não tento. A lembrança que dela guardo, mesmo apesar de

exacta e nítida como a conservo depois de tantos anos, se a tentasse traduzir em palavras, ficaria uma coisa vulgar, ao lado dessa perfeição de beleza orgulhosa e loira. Foi com certeza, numa mulher assim, que o Rostand pensou quando escreveu:

*Un piége de nature, une rose muscade,
Dans laquelle l'amour se tient en embuscade...*

A Academia enlouqueceu de admiração, — digamos — estética... Eu nunca soube, por tendência de espírito, conservar-me estranho a todos os grandes movimentos colectivos, e não desmanchei, risonhamente, com o desembaraço de rapariga desempoeirada, — ainda que irrepreensivelmente correcta, — todo êsse culto. As lindas mulheres como os Deuses, gostam de incenso. Havia alguns estudantes, os rapazes janotas da "Ladeira do Seminário", que gosavam do privilégio escandaloso de falar à Deusa. Isso desesperava-me. Eu não usava coletes de fantasia, nem batina com bandas de seda, mas achava êsse privilégio iniquo. Mas, ou fôsse porque a minha batina e a minha capa não lhe inspirassem confiança, ou porque eu tivesse fama de petroleiro, o caso é que, com dilações, pretextos, excusas, ninharias, a linda rapariga evitou isso sempre.

Percebi, nitidamente, que ela, tão afaivel, tão gentil, tão sociavel para toda a gente, me olhava de soslaio, fugia de mim como da peste, e nem queria que eu a visse...

E foi então que, trovadorêsco e lírico, lhe enviei o seguinte Vilancete:

*Tão pouco peço, Senhora,
Que é cruel não me atender,
Só peço para vos ver.*

VOLTAS

*Que mal vos faz que eu vos veja
Um momento só por dia?
Se é a única alegria
Que o meu coração deseja?
Mesmo de longe que seja,
E um momento só que fóra,
Tão pouco peço, Senhora.*



O Mondego alma de Coimbra

*Outros tenham melhor sorte
E bem melhor recompensa
Que, para mim era imensa
Ver-vos ao prego da morte,
Como a vida não me importe
Quando a viva sem vos ver
E cruel não me atender...*

*Mesmo de longe que seja
Só de ver-vos me contento,
E daís alívio ao tormento
Que sofre quem vos não veja.
O meu olhar só deseja
Ver-vos e depois morrer:
Só peço para vos ver.*

Depois, certa noite, quando soube que ela estava para partir de Coimbra sem que eu lhe falasse, à luz dum candeeiro de petróleo da Vacuum, na minha "república", da Couçaça de Lisboa, em frente ao Mondego luarento que corria ante os meus olhos, eu senti-me elegiaco, e fiz-lhe mais versos.

Devo dizer-lhe que tenho atenuantes. Você, Gomes Monteiro, não calcula o que é uma noite de Coimbra na primavera. O luar foi com certeza, o que inspirou a Beethoven, a sonata célebre.

A cidade cheira bem. Defronte da minha casa cantavam os rouxinóis nos choupos de Santa Clara. Os ralos, os grilos, as rãs, em unísono, faziam-lhe o contra-canto. Germaine era linda!

Sucedida que eu tinha acabado de ler, na harmoniosa língua de Petrarca, uma doce elegia de Stechetti, o cisne de Bolonha, que se adaptava ao meu estado de alma. Estava triste, a noite admirável entrava-me pela janela com todos os seus ruídos e todos os seus perfumes. Eu tinha vinte anos...

Aí vai a elegia:

*Quando te's, já velhinha, encanecida,
Esses versos de amor que te enviei,
Recordarás a época da Vida,
O tempo em que te amei...*

*E deixarás, no teu isolamento,
Pender teu rosto pensativo, absorto,
E pensarás em mim, nesse momento,
Em mim, que estarei morto.*

*Parecer-te-á ouvir, gelada e fria,
Na voz do vento a soluçar, lá fóra,
Que a minha voz te vem falar agora,
Com cruel ironia.*

*E a voz dirá: na tua solidão,
'Stás recordando o teu cabelo loiro,
Como era belo o capacete de airo
Que te coroaava então!*

*Ah, como o Tempo te mudou, maldoso,
E te imprimiu no rosto os seus sinais,
Onde estão hoje, o teu corpo orgulhoso,
E os teus desdens reais?*

*Sózinha no teu lar, lembrás, chorando,
Tua beleza morta e a mocidade,
E eu, morto, chorarei na Eternidade,
Inda por ti esperando!*

*E já que a Vida me não pôde dar,
Uma sombra, sequer, do teu carinho,
Vem, para ao pé de mim, vem descansar,
Tens o lugar quantinho...*

Aqui tem toda a minha obra poética, caro Gomes Monteiro. Quem me teria feito a partida de me atribuir os versos da "Cortina"? É, com certeza, um inimigo meu, para me indispor, com pessoas sensatas e ponderadas, de cuja consideração eu preciso, e... que tenham processos a distribuir nos tribunais...

Como quer que seja, as boas, generosas e amigas palavras com que a "Ilustração" precede os versos que me atribui, agradece-lhas *ab imo pectore*, a seu admirador e amigo

Lisboa, 23 de Dezembro de 1936.

Ramada Curto.

O mistério da Maja desnuda

UM CAPITULO DO PRIMORO LIVRO DE JÚLIO DANTAS



A duquesa de Alba—quadro de Goya

a conhecer melhor esse país tão cheio de nobres tradições, e—de quanto é capaz o mágico poder do talento! — pas-samos até a querer-lhe bem!
O poder descritivo de Júlio Dantas é tal que até as línguas secas que juncam o túmulo do grande Goya parecem resen-der ainda, aos jardins da Moncloa. É que ler Júlio Dantas, é perfumar o espírito.
Transcreveremos o capítulo intitulado La Maja desnuda:

Ao entrar no Museu do Prado, de Madrid, dirijo-me, ins-tintivamente, para as salas de Velásquez. São as primeiras ca-pelas do meu culto. Depois de ter admirado, uma vez mais, a obra extraordinária do mestre das Lan-ças, os meus passos encaminham-se para o lado onde está Goya. Na sala circular, à mão esquerda, junto à porta, encontra-se o qua-dro que desde logo atrai o meu olhar, e, segundo creio, o de todos os visitantes: a *Maja desnuda*, obra-prima da pintura espanhola, irmã mais nova da *Vénus do espelho*, de Velásquez, e das *Vénus* de Ticiano e de Giorgione.

Da última vez — não sei porque — demorei-me, mais do que de costume, a analisar esse corpo de mulher, ao mesmo tempo volup-tuoso e infantil, sensual e cân-dido, que é uma das glórias de Goya.

Entreive-me a seguir-lhe as curvas delicadas do torso e da anca; a notar a graça natural da altitude; a admirar o que há de virginal e de inocente na mode-lação puríssima dos seios; a interrogar a expressão irónica daquela fisionomia, cujo sorriso — porque a *Maja desnuda* sorri —, cujos olhos pèrfidos, em amêndoa, cujo nariz recto e clássico de estátua grega, cujos cabelos negros, abundantes como uma juba, realizando um conjunto por-ventura desarmónico, possuem um pe-netrante e indefinível encanto. Não me limitei a verificar as perfeições daquele tipo singular de mulher; notei-lhe, tam-bém, as imperfeições. A anatomia é, nalguns pormenores, defeituosa; os joelhos, descarnados e agressivos; o busto, de-masiado alto para o módulo geral da fi-gura; a perna, do joelho para baixo, de um modelado pouco gracioso. Mas o que há de imperfeito na *Maja* de Goya pre-nde-nos tanto, ou mais, do que aquilo que nela há de perfeito. Não é às vezes pelas suas qualidades, mas pelos seus defeitos, que as mulheres mais nos agradam. A *Maja desnuda* não será bela, concordo; mas é peor do que bela, porque é terri-velmente perturbadora.

Nessa mesma tarde, um diplomata meu amigo, muito considerado em Madrid, perguntou-me se eu já visitara o pa-lacete da Moncloa.

Como lhe disse que o conhecia apenas de tradi-ção, porque Primo de Rivera me fa-lara nêle, em Mondariz, em julho de 1929, o meu ami-gu pôs o seu au-tomóvel à minha disposição, e êle próprio me acom-panhou a êsse *Pe-tit Trianon* madi-rieno, célebre na história galante do fim do século XVIII e do princípio do século XIX — o gi-neceu das *majas* aristocráticas imortalizadas pelo pincel de Goya — palácio isolado numa paisagem austera em que Velásquez encontrou (há e na Puerta de Afier) os céus e os horizontes dal-guns dos seus qua-dros, e que deve aos governos de Cambó e do Mar-ques de Estella a sua reconstituição e reintegração como monumento nacional. Passei nesse pequeno museu — que lem-bra o nosso palá-cio de Queluz — uma hora inofensiva de evoca-ção. Construído no século XVII pelo mar-ques de Eliche, D. Gaspar de Haro, filho de D. Luiz, mar-ques do Carpio, e sobrinho-neto do conde-duque de Olivares, o palá-cio da Moncloa estava abandonado e arruinado quando, em Dezembro de 1781, a ilustre D. Maria Ana da Silva y Sarmiento, ao enviar do segundo marido, o duque de Arcos, António Ponce de León, o comprou e começou a restaurar, ao gósto italiano do tempo, para refúgio tran-quilo da sua dupla viuvez. A duquesa de Arcos morreu dois anos depois (Janeiro de 1783), e a quinta e palácio passaram a constituir pro-

priedade da filha do seu primeiro casamento com o duque de Hues-car, a célebre du-quesa de Alba, D. Maria do Pilar Teresa Caetana da Silva, pelo marido duquesa de Vila Franca e de Medina Sidónia, uma das mulheres que maior influência exerceram na sociedade e na arte espanhola do último quartel do século XVIII, a ins-tituidora, com a rainha Maria Luíza (menos bonita, embora mais es-cultural do que ela) da moda das *ma-jas*, adoptada pela cõrte e pela "mo-cidade doirada" do tempo de Car-los IV, e — justo orgulho da sua biografia galante — a grande paixão de Goya, que a retratou muitas vezes, em obras imortais, os traços picantes da sua fisionomia, e que, segundo a lenda, entrava furtiva-



A rainha Maria—quadro de Goya

mente, altas horas da noite, pela pequena porta que ainda agora se vê, dissimulada, numa das paredes da alcõva. Durante dezoto anos, até à sua morte (1802), foi a du-quesa de Alba a proprietária, a decoradora, a renova-dora, a habitante fiel nos meses de verão, a organizadora das festas campestres do Jardim del Barranco, que reviveram a graça ligeira dos quadros de Van Loo, — numa palacete, a alma do palácio da Moncloa. E, dizer que a alma da Duquesa vive na-que-la morada aristocrática, o mesmo é afirmar que nela se adivinha, em cada recan-to, em cada pormenor, por vezes, mesmo, nas pinturas que revestem algumas das



Goya—retrato

paredes, uma centelha do génio ardente de Goya.

Percorri, com o meu amigo, tôdas as dependências do palá-cio: o vestibulo severo, com as suas colunas dóricas caneladas, os seus bustos de imperadores romanos e a sua estátua de Bac-cho; a ante-sala dos lacaios onde há pinturas a tèmpera, de Braambilla; a sala de acaju, de que mais tarde Carlos IV, ao

tomar posse da residência, fez o seu escritório; a luminosa galeria a que chamam "sala de espera"; a casa dos mosaicos e dos cristais doirados, obra de Roberto Michael, com o seu varan-dim onde revoam, pintados, todos os pássaros familiares do arvoredo do Prado e do Retiro; o oratório gótico do mar-ques de Eliche; a sala de jantar, em que admiramos o belo lustre de Veneza, a fonte, a tribuna de colonelos para os músicos, o friso romano onde passam qua-renta sátiros dançando; e, finalmente, os aposentos íntimos que foram da duquesa de Alba e mais tarde da rainha Maria Luíza, a alcõva, a ante-alcõva, o touca-dor, o quarto de banho. Foi nesta parte do palácio que nos demorámos mais, por-que o homem — e, em especial, o homem de letras — é curioso e malicioso. Com efeito, tôda a história anecdótica da Moncloa gira em volta destas quatro salas, que conheceram os mais íntimos segredos de algumas mulheres célebres pela jerar-quia e pelo espírito, em especial da "du-quesa Caetana", nome por que era no tempo conhecida a excelsa *maja* criadora daquela vivenda.

E, sem dúvida, muito interessante o tou-cador, com a sua sobreporta represen-tando Diana no banho, o seu Récamier, e, sobre uma cómoda Império, de acaju e bronze doirado, a cópia do retrato da duquesa de Arcos, mãe da duquesa Caetana, por Mengs; não é menos o quarto de banho, revelador dos cuidados sumá-rios que a higiene merecia às "belezas profissionais", da aristocracia madrileña do século XVIII. Mas, onde a nossa aten-ção de visitantes se apurou, foi na alcõva e na ante-alcõva, que comunicam entre si por três arcos graciosos, formando na verdade uma peça única, exemplar admirável do estilo italiano. Na decoração, muito original, parece ter andado mão de Goya. O pintor fingiu, nas paredes, algumas janelas de persianas entreabertas, e, na porta de entrada, uma grade de ferro através da qual se vê, dando, a certas horas, uma ilusão perfeita, a paisagem de Moncloa: na ante-câmara de Goya, o céu azul espelha, as cômas do ar-voredo rumorejam; na alcõva, a noite desce e adivinham-se as estrelas. Fale-



Dr. Júlio Dantas

A alcõva, iluminada por candelabros que surgem dos seios de duas caríatides — a fonte da vida é, também, fonte de luz — guarda ainda o leite que foi da duquesa de Alba, leite de criança, recoberto de uma sobrecama de seda bordada, que deixaria no nosso espírito a mais inocente das im-pressões se não existisse, disfarçada na parede, a pequena porta indiscreta que conduz ao jardim. O lecto, delicadamente pintado, simula uma renda. Na ante-câmara, entre as janelas, sobre um fogão de mármore branco, reflectindo-se no espelho lampejante do alçadão, debruça-se um busto, também de mármore, represen-tando uma mulher moça, bela, colo opu-lento, expressão irónica, os cabelos em caracóis amparados por uma leve touca francesa que recorda a graça real de Maria Antonieta: é o busto da duquesa de Alba, da famosa "duquesa Caetana", a mulher fatal, a *vamp* da Moncloa, dita-dora da moda na cõrte de Carlos IV, rival da rainha Maria Luíza de Parma na elegância, na extravagância e no futu-rismo, — modelo e musa inspiradora de Goya. Perante essa escultura de volu-ptuosa ondulação, reproduzida da está-tua que orna o túmulo da Duquesa no panteão da Sacramental de Santo Isidro, o meu amigo e meu cicerone sorriu, olhou o busto, tornou a sorrir, e disse-me, os olhos cintilando de malícia in-teigente por detrás dos cristais da luneta: — Não é verdade que se parece com a *Maja desnuda*?

Com franqueza, hesitei em responder-lhe. Há, sem dúvida, no busto da duquesa de Alba, traços fisionómicos das duas *Majas* do museu do Prado: o nariz é o mesmo; os olhos parecem-se; assemelha-mos baixo, não acordemos as sombras que dor-mem: viveu ali o amor.



La Maja vesti-da—quadro de Goya



La Maja desnuda—quadro de Goya

MUITO se tem escrito sobre a velha e fidalga Espanha, sendo ás vezes talvez os livros que nos falam do seu passado glorioso, de sua paisagem, ora dura e cruel como as venturas asturianas, ora amena e cantante como as veigas andaluzas, das suas maliqueias tão capitosas e embriagadoras como o vinho dessa região de encanto que se debruça no Mediterrâneo, das suas verbenas, das suas louzadas, das suas supersti-ções, do seu património artístico, em suma.

Mas faltava ainda alguma coisa essencial: um livro que nos empolgasse tão profundamente que nos desse a impressão de acompanhar o seu autor através de tôda a sua digressão, desde as margens do Minho ás do Guadalquivir.

Esse livro apareceu, finalmente. Intitula-se Viagens em Espanha, e foi escrito pelo eminente homem de letras, dr. Júlio Dantas.

Nada mais seria preciso dizer para se calcular do alto valor desta obra.

Lêmo-la dum fôlego, gulosamente, ficando-nos além do prazer inefável que as suas páginas nos transmitem, a plena confirmação daquele adágio que nos previne de que «o que é bom acaba de-pressa!»

É que o livro Viagens em Espanha com que o insigne escritor vem enriquecer ainda mais a sua obra vastíssima e sempre atraente, tem o condão de ser sugestivo e original, apesar de focar um assunto que muitas vezes de lá, em digres-são por terras castelhanas, trataram já com mais ou menos rotéis.

Até hoje ninguém nos tinha dado uma tão ampla visão dessa Espanha que, sendo nossa visi-ção, é para quasi todos os portugueses como se estivesse situada nos confins do Thibet ou da Políndia.

Através das páginas de Júlio Dantas ficamos

-se a oval do rosto; os seios, que se adivinham na escultura, correspondem, na delicadeza virginal, à maravilha do colo da *Maja desnuda*, que certo cardeal da Renascença diria modelado pela taça de ouro de um Médicis. As duas *Majas* porém, a nua e a vestida, têm uma expressão mais enigmática, mais perversa; e o recorte da boca difere, embora ligeiramente, no busto da Duquesa e nas *Majas* de Goya. A questão tem sido muito debatida. Há quem pretenda destruir radicalmente a lenda, dizendo — e é verdade — que a *Maja desnuda* foi pintada em 1803, e que a duquesa de Alba faleceu, ainda nova, em 1802. Evidentemente, a ilustre dama, depois de morta, não podia de modo algum, por maior que fôsse o seu desejo, desnudar-se perante o artista. Mas toda a gente sabe que em muitas obras, realizadas depois da morte da Duquesa, Goya reproduziu a fisionomia e os pormenores anatómicos do seu modelo predilecto, não apenas porque os conservava na memória dos olhos e do coração, mas porque em vida os fixara em estudos e em esboços freqüentes. Será o belo corpo da *Maja* uma dessas reminiscências plásticas motivadas pela paixão do pintor, — que, como a do grande florentino dos sonetos, viveu para além da morte? Alguns historiadores de arte manifestam a opinião, quanto a mim demasiado radical, de que a questão nem mesmo tem de ser apresentada, porque não julgam admissível a existência de qualquer anecdota amorosa entre uma mulher de trinta anos e um homem de cinqüenta, que, de mais a mais, era surdo. Lembro-me de ter lido isto no notável livro de Beruete y Moret sobre Goya retratista. Ora, nem os homens de cinqüenta anos — graças a Deus — devem considerar-se definitivamente excluídos da possibilidade de uma aventura, sobretudo com uma mulher de trinta, nem Goya — julgo eu — precisaria de ouvir bem para compreender que a duquesa de Alba gostava dele. Os grandes apaixonados são grandes silenciosos, — e podem portanto, sem inconveniente de maior, ser surdos. O problema teria de resolver-se, naturalmente, comparando a *Maja desnuda* com os retratos da duquesa de Alba pintados pelo próprio Goya; quere dizer, aproximando interpretações da mesma mulher, realizadas pelo mesmo pintor. O busto, reprodução de uma escultura póstuma, não me ofereceu elementos bastantes para poder concluir que o mestre dos *Caprichos* tivesse pintado a *Maja* pensando na duquesa Caetana, ou, sequer, que houvesse utilizado, para a sua execução, estudos ainda feitos em vida do seu encantador modelo. O exame duma miniatura existente na Moncloa também nada adiantou. Limitei-me, portanto, a encolher os ombros e a responder ao meu amigo, quando entramos no automóvel que nos conduziu ao Ritz:

— É possível. As mulheres parecem-se tanto umas com as outras...

A idéa, porém, continuou a germinar no meu espírito. No dia seguinte, procurei conhecer, ao menos pelas reproduções, os vários retratos oficiais da duquesa de Alba pintados por Goya. Não era fá-

cil, com efeito, vê-los nos originais. Um deles, o do cãozinho, em que a Duquesa, vinte anos apenas (1780), nos aparece vestida de musselina branca bordada a ouro, com uma cinta de seda vermelha e os cabelos crespos e soltos, estava no palácio de Liria, hoje destruído pelas chamas; o retrato da Duquesa em traje de *maja*, saia preta, mantilha preta, corpete amarelo doirado (1779), encontra-se na colecção goiesca da *The Hispanic Society of America*; o terceiro retrato, que representa Maria do Pilar Tereza Caetana em traje de côrte (1785), pertence ao duque de Aliaga, que o tem no seu palácio. Pude ver, apenas, as reproduções dos dois primeiros. Há quem diga que não se parecem com a *Maja desnuda*. Talvez. A duquesa de Alba, nos retratos oficiais de Goya, tem, realmente, um ar espantado, uma expressão atónica que não se encontra nas *Majas*; mas o nariz é o mesmo, recto, clássico; os mesmos olhos negros e os cabelos crespos e exuberantes; e o corpo, que se adivinha sob a musselina do retrato do palácio de Liria, parece-se, na graça da modelação, na firme delicadeza do seio, com o busto admirável da *Maja nua*. As pequenas diferenças existentes não seriam propositadas, — quere dizer, não se justificariam pela necessidade, que o pintor teve, de atenuar a semelhança fisionômica do modelo, por se tratar de uma exibição em completo estado de nudez? O problema permanece, e permanecerá, enquanto não se fizer um estudo comparativo sério (não sei se já se terá feito) entre a iconografia goiesca da Duquesa e os quadros célebres do museu do Prado. Não sendo a duquesa de Alba, a *Maja*, quem poderia ter sido o modelo de Goya? O neto do pintor — leio numa das obras que consultei — dizia, em 1868, que a mulher

imortalizada no quadro do avô era a companheira de um frade que se comprazia na confissão de moribundos, o padre Bavi, conhecido no tempo por *El Agonizante*. Mas que documentos o confirmam? Quem nos assegura, mesmo, que o padre Bavi existiu?

Antes de sair de Madrid, fui, como de costume, à pequena ermida de Santo António de la Florida visitar o túmulo de Goya. E' aí — sob o lanternim em que o assombroso mestre pintou, entre revoadas de arcanjos orantes, a imagem e os milagres de um Santo português — que os seus restos mortais repousam, trasladados de França, numa sepultura onde se lêem estas simples palavras: "*Nasció en Tundelodon, 10 marzo 1746; morió en Bordeos, 16 abril 1828.*". Coroas antigas, flores secas juncam a pedra sepulcral ladeada de altos tocheiros, sob a luz votiva da lâmpada de prata em que brincam e revoam três anjos que parecem três "amores" de Boucher. Sinceramente lamentei que se encontrassem tão longe uma da outra, a Sacramental de Santo Isidro onde repousa a duquesa de Alba, e a ermida de Santo António, jazigo de Goya. Uma figura de mulher, pintada numa arquivolta pelo mestre, recorda-nos, ainda uma vez, a expressão subtil da *Maja desnuda*, repetida em todas as suas obras. Insensivelmente — não havia ninguém na ermida — aproximei-me do túmulo, curvei-me sobre ele, à altura do coração, daquele coração onde viveu, e onde talvez vivesse ainda na morte, a imagem da duquesa Caetana, e perguntei-lhe, na ilusão de que obteria uma resposta:

— E' ela a *Maja*, não é verdade, mestre?

Júlio Dantas.



A família de Carlos IV — quadro de Goya

O DELICIOSO MILAGRE

— VAMOS, meu amor... vamos fazer ó-ó, — muito depressinha, sim?

A petizinha cerrou os olhos pestanudos que lhe sombriaram de negro as faces rosadas, e murmurou:

— Sim... "mãizina"...

A mãe — pois era a mãe essa linda rapariga tão branca e loira — branca e loira que mais parecia estampa sagrada fugida de mimosos vitrais — quedou-se por momentos a olhar amorosamente o vulto pequenino, semi-oculto sob as roupas alvíssimas do leito, e depois, atirando-lhe um beijo na ponta dos dedos, apagou a luz, e em biquinhos de pés, dirigiu-se para a porta que comunicava com os aposentos dela.

Uma vez aí, parou.

Chegava até o seu ouvido atento, uma vozinha branda, em suave apêlo:

— "Mãizina!"

Com o coração assustado já, na antevisão dolorosa de quaisquer perigos, retrocedeu um passo, e logo sorriu, desanuviada, de tal cuidado, a fronte bela...

Bébé dizia, na sua linguagem tão difícil:

— "Mãizina"... Não esqueça... Quando o "Menin Jesu" vié... uma "moneca" p'á "menin", e uma "moneca" p'á "fila" da "Maia"... Sim, "mãizina"?

À candura adorável de bébé, respondeu o sorrir enternecido da mãe:

— Sim, meu bem! E, agora... ó-ó, sim? Novamente o — sim — soou... e dessa vez foi certo.

Magda, que ficára imóvel, a escutar, não tardou em aperceber-se, no silêncio tépido da alcôva infantil, da respiração pausada e tranqüila, reveladora dum sono sem cuidados e sem pesadelos, do sono feliz da vida, do sono que tantas saídas faz nas horas negras de amargas insónias — o sono da infância!

Depois, atravessou a porta, e penetrou nos seus aposentos.

Vagarosa, foi olhar as horas no pequeno relógio de mármore, colocado sobre a mesinha de cabeceira.

— Nove e meia! — murmurou, dolorosa — e o Paulo sem chegar!

Mais entristeceu, e foi de lágrimas nos olhos que dum grande embrulho no chão, extrafu duas grandes e lindas bonecas.

Apertou-as com ternura, e poisou-as sobre a colcha de rendas que cobria o formoso leito.

Depois, deixou-se cair na poltrona que lhe ficava em frente, abandonando-se na contemplação duma fotografia que repre-



sentava um man-cêbo simpático, rôsto in-

sinuante e viril, dêstes que um sorriso a prometer a mais linda frase que os homens já disseram em tôdas as línguas — amo-te! — torna irresistíveis.

Sorriu-lhe... quási esquecida das preocupações que lhe vincavam a fronte — dantes tão lisa e fresca — e depois, voltando com um gemido, à angústia do presente, escondeu o rôsto nas mãos, e perdeu-se nas suas cogitações, em que a sacudiam longos estremecimentos.

Finalmente, a porta do quarto abriu-se, e o homem cujo rôsto Magda tão fervorosamente contemplára, surgiu no limiar.

Elegante, nobre, muito mais que seria possível adivinhar no retrato, o seu porte revelava bem todo o orgulho indómito do homem que se sabe ser forte, desejado e temido.

O seu olhar era talvez mais frio e desdenhoso que o da fotografia, tinha uma outra expressão de escárnio — que não de amor, ao dar com o vulto fremente da mulher, e a bôca contraída nervosamente revelava bem pouco de ternura.

Com passos breves caminhou até junto do leito, e deixou cair, sêco, o nome que tão docemente o fizera palpitar:

— Magda!

A jóvem ergueu-se, como se a impelisse secreta mola, e dando de face com o ma-

rido, esqueceu os ressentimentos que lhe faziam brotar dos lindos olhos essas gotinhas puras como o cristal, olvidou as humilhações que o seu amor desprezado tão mal sofria, para só pensar que o seu marido, o seu Paulo, — o seu amor! — estava ali, pertinho de si, dos seus braços, dos seus beijos!

Alvorçada, correu para êle, lançou-se-lhe ao pescoço, num supremo grito de ventura, onde ia toda a sua alma terna:

— Oh! Paulo!

Mas Paulo — o seu amor — não correspondeu ao beijo ardente que lhe humedeceu os lábios, não estreitou ao peito êsse corpito tremente de paixão.

Frio, gélido, como se todas as neves das montanhas brancas, que o sol ilumina... mas não aquece, se acumulassem sobre o seu coração amável de português, repeliu-a, e dirigiu-se para o guarda-vestidos. Abriu-o, mexeu nas gravatas... E depois, indiferente:

— A do baile?

A desventurada estremeceu... Passou-lhe ante os olhos a chama duma vertigem, julgou que ia cair... mas o seu amor, mais uma vez, e assim tão duramente afrontado, fê-la reagir, e, indignada, lágrimas de dôr e desespero a queimarem-lhe as faces que o desgosto ruborisava, replicou:

— Pois quê?! Até hoje? Hoje, a noite sagrada da família, também me deixas, me abandonas? Oh, Paulo!...

— Fitas! — disse, escarninho.

— Fitas? Fitas? Mas para que casaste, então, se querias ser livre? Para que desejaste mulher e filha, se ambicionas go-

sar o mundo? Deixasses-me então na casa dos meus pais! Ai, ao menos, teria carinhos e ternura! Oh, Paulo! E dizes que são fitas! Avançara para o marido, quebrada a torrente ameaçadora da revolta contra um dique imenso de adoração. Fôra colocar-lhe as mãos nos ombros, pequenina, frágil, a implorar, indiferente ao olhar carregado de furôr mal-contido, que êle lhe lançava, empregando tôda a sua alma para salvar dêsse naufrágio cruel — o seu amor — tôda a sua vida.

— Pois quê, meu Paulo?! Assim essa mulher, essa malvada — se apoderou do teu pensamento, da tua vida, do teu coração? Não! Não! Não posso crêr que do teu coração — o meu coração — se tenha também apossado! Não! Tu não podes trocar a tua filhinha e a tua Magda por uma mundana... Tu não podes preferir o carinho do lar, pela ardência duma orgia! Tu não podes abandonar os afagos da tua Bêbézinha, pelo túmulto dos *dancings*...

Caíra de joelhos, enovelava-se aos pés do marido, humilhada, prostrada, beijava-lhe as mãos que banhava com as lágrimas escaldantes como o fôgo que a devorava, e as palavras saíam-lhe entrecortadas de soluços, um pedaço de sua alma em cada, a evolvar-se para o ingrato, que cinicamente, aceitava êsse estuar de sofrimento, com um vago sorriso de troça e impaciência.

— Paulo! Pela vida da nossa pequenina! Ao menos hoje, hoje, a noite divina do Natal, fica! Não saías! Ha seis mezes que te perco, em cada hora, em cada instante! O que eu sôfro! Dizem-me que seja forte, que te pague com desprêso... embora fingido... Que voltarias, então! Obedeci... e tu não regressaste... Choro, suplico, humilho-me, e tu não me atendes! Oh, Paulo! Sou louca, sou! Mas, eu só sei isto... Amo-te!

De rastos, no chão, agarrada às pernas do marido, encostando a êle o rosto contraído, pela dor esperava, arfante, gemente...

Rápido, à súplica angustiosa e apaixonada, êle apenas respondeu, desprendendo-se, e com frio acento de desdém:

— Acabou-se a comédia?

Magda, soltou um grito... Dum salto levantou-se e recuou para a parede, e com as mãos enclavinhas, apertando o seio sob o qual o coração parecia estalar, tão violentamente batia, passando sem transição do mais vivo es-carlante à livi-

dez da morte, sob a imensa vergonha que essa derradeira afronta lhe trazia, vibrou um apêlo trágico:

— Jesus! Jesus!

E, rouca pelo esforço feito, disse:

— Pois bem, Paulo. Vai, vai à tua vontade... Mas, juro-te! Quando aqui entrares novamente, já eu terei saído, levando a nossa filha! Abandonarei esta casa para não voltar mais... Se fôr essa a vontade do Senhor, passarei fome, frio, horrôres, tudo! Mas o teu desprêso, isso não! Basta! Humilhei-me ao máximo que é possível, para te reconquistar, fiz o que poucas mulheres teriam coragem... Porque te amava, porque te amo desde que te conheci... e éramos então duas crianças! Hoje... detestas-me, e zombas do meu mal! Seja! Deixar-te-ei, e nesta casa, onde vivemos as mais doces horas de amor, onde nasceu a nossa filha, poderás instalar... essa mulher... por quem trocaste a família! Acabou-se tudo!

Falando assim, violenta, apaixonada, voz velada pela comoção, o seu lindo rosto parecia iluminado por uma chama sobrenatural, que lhe dulcificava a expressão martirizada.

Encolhendo os ombros, sem quási a olhar, o Paulo, a sorrir escarninho, respondeu:

— Ih! Que fim tão dramático! Não, minha linda! Há um meio mais fácil de solucionarmos o caso... O divórcio!

Magda, a despeito das suas anteriores palavras, cambaleou como se a houvessem apunhalado.

— Ah! Sim! O divórcio!

— Queres? Aceitas?

Ela mordeu os lábios até fazer sangue... O divórcio!

Perdê-lo-ia... para sempre... sem remédio... e não tardava talvez em vê-lo pelo braço de outra... conduzindo novo filho...

O seu Paulo! Aquele a quem dera corpo e alma!...

E lágrimas, grandes lágrimas irreprimíveis lhe sulcaram as faces.

Nesse instante, a porta de comunicação abriu-se e aos olhos do casal desunido, surgiu a mais radiosa aparição que é possível contemplar.

Uma pequenina dos seus quatro anos, descalcinha e coberta apenas com uma camisita branca, olhos azuis, interrogativamente abertos, caracóis loiros desalinhados, e boquilha rósea aberta em profunda surpresa...

— "Mãizina"! Já veio o "Menin Jesu",?

Magda não pôde responder... A vista obscureceu-se-lhe... Julgou que ia perder os sentidos, ao ver a criança que ia ficar sem pai... e caiu novamente em cima da poltrona.

Bêbé avançou até ao meio do quarto, e, ao avistar as duas lindíssimas bonecas que a mãe pusera sôbre a cama, gritou de intenso júbilo...

Mas... então... o seu olhar topou com o pai... — que ainda não vira — e que a contemplava, melancólico, perdido súbitamente todo o seu ar escarninho e zombeteiro — sabe Deus com quantos remorsos já! — e logo, sem hesitar um instante sequer, abriu os braços ao pai...

Paulo ajoelhou; estreitou ao peito a pequenina, e apoiando-lhe a cabeça ardente no peitinho puro, deixou que duas lágrimas lhe rolassem dos olhos... Arrependia-se.

Estava salvo!

Inquieta, sem perceber coisa alguma do que à sua volta se passava, Bêbé — o pequenino anjo do seu lar — olhava os dois alternada e aflitivamente.

Choravam... era preciso que rissem...

Então, decidida, puxando os cabelos ao pai para que a olhasse, disse-lhe ao ouvido, na sua vozinha chilriada:

— "Paizino"... A "Mãizina"... "tá a cholá",...

Paulo levantou o rosto... fitou a filha, que o beijou meigamente, e lhe disse, disposta a secar as lágrimas da mãe com o remédio que aplicavam às suas:

— "Paizino"... Vem dá um bêjino à mamã...

Sem forças e coragem para resistir ao apêlo da filha, Paulo seguiu-a... de joelhos pelo sobrado, como penitente em expiação de crime duro,

Assim chegou junto da mulher...

Bêbé observava...

Paulo estendeu as mãos... mansamente descobriu-lhe o rosto... e balbuciou... tremendo:

— Perdão!

Como única resposta, ela — alma adorável de amor e bondade — lançou-lhe os braços ao pescoço, e Paulo, estreitando-a muito, colheu nos seus lábios o beijo de reconciliação com que fizera expirar a palavra — amor!

Quando, sorridentes, enxutas as lágrimas, as suas cabeças jôvens se ergueram... avistaram Bêbé, que sentada no leito, apertava as duas bonecas do seu sonho... uma para ela... a outra para a filha de Mãia...

Magda e Paulo abraçados, sorriam... Não falavam...

Receivavam quebrar com a palavra o encanto do suave milagre, que o Menino Jesus quisera depôr nas mãozinhas adoráveis de Bêbé, como presente de Natal...

Odette Passos de Saint-Maurice



VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

No TURF CLUB

Realizou-se na tarde de 19 de Dezembro último, nos vastos salões do Turf Club, a aristocrática agremiação do Chiado, um «chá dançante e Mah-Jong» de caridade organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte as seguintes: D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Angela Carvajal Teles da Silva, Condessa de Alpedrinha e de Vila Flor, Condessa de Cabral, Condesa de Castelo Mendo (D. Rita), Condessa de Castro, Condessa de Vilar Maior, D. Eugénia de Almeida (Lavrado), D. Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Isabel Gomes Salazar de Sousa, D. Isabel Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Isabel Roque de Pinho Pinto Basto, D. Maria do Carmo de Moraes Palmeiro (Regaleira), D. Maria Luiza d'Orey, D. Roque de Pinho Barreto, D. Maria Teresa Pressler Lino, Marquesa do Cadaval, Marquesa da Foz, Viscondessa de Almeida Garrett e Viscondessa de Botelho, cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista.

O aspecto dos salões do Turf Club, nessa tarde eram verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade, que ali deram ponto de reunião.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

No CLUB TAUROMÁQUICO

Com o pedido de publicação recebemos da comissão organizadora do «chá de caridade» que se efectuou nos salões do Club Tauromáquico, na tarde de 3 de Dezembro último, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Obra de Auxílio a Doentes Pobres, a nota das contas da mesma festa.

Receita bruta: 3.887\$50 — Despeza: Licença, 81\$00; gratificações, 95\$00; bilhetes, 23\$00; camioneta, 80\$00; gratificações a criados, 220\$00; diversos, 23\$95. — Total: 522\$95. — Líquido: 3.364\$55.

Casamentos

Celebrou-se na paróquia dos Anjos, presidindo ao acto o reverendo Vicente Esteves, coadjutor da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Helena Margarida Garcia de Moraes Teixeira, gentil filha da sr.^a D. Adelaide Garcia de Moraes Teixeira e do major de cavalaria João Justino Moraes Teixeira, com o distinto engenheiro sr. António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, filho da sr.^a D. Alice Coelho de Vasconcelos Sanches de Castro da Costa de Macedo e do coronel de artilharia sr. Adriano da Costa de Macedo, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Antero do Quental, um finíssimo lanche da pastelaria Marques recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na assistência viam-se as sr.^{as}:

D. Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Filomena Lamara Vieira da Rocha, D. Alice Coelho de Vasconcelos Sanches de Castro Macedo, D. Virginia Freira Garcia, D. Maria José Coelho de Castro Vilas Boas Costa e Silva, D. Maria Ana Porto Soares Franco, D. Cecília Carbonell Arenas de Lima, D. Leonidia Maria Bernardes Rosa Garcia, D. Virginia Marques de Lemos de Moraes Teixeira, D. Maria Carlota Vilas Boas Coelho Vasconcelos Porto, D. Maria Clara Coelho de Castro Vilas Boas Castelo Branco, D. Maria José de Sousa da Silveira Couto Leitão da Costa Campos, D. Maria Madalena Sousa Lima Freire Garcia e filha; D. Maria Amália Pereira Cirne de Castro Veiga, D. Camilla de Arochela Vaz de Napoles Malheiro Garcia, D. Maria Loureiro de Macedo, D. Ester da Costa Santos Silveira Gomes, D. Maria da Encarnação de Macedo Delfim, D. Maria da Conceição Pereira d'Éga, D. Maria Isabel Guerreiro Melo e Sousa, D. Maria da Arochela Vaz de Napoles Malheiro, D. Maria Francisca Pereira d'Éga, D. Maria Gabriela Sampaio e Melo, D. Emília de Sousa Macedo, D. Maria Celeste Rosa Garcia, D. Maria José Vilas Boas da Costa e Silva, D. Maria Violante Costa

Campos, D. Emília de Sousa Macedo, D. Clementina Rosa Garcia, D. Maria Benedita Costa Campos, D. Eliza Sanches de Castro.

E os srs.:

General Ernesto Maria Vieira da Rocha, coronel Alexandre Herculano Garcia, coronel Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, Coronel Duarte de Nascimento Veiga, Luiz Arenas de Lima, dr. Nuno de Vasconcelos Porto, dr. Júlio de Vilhena, dr. Miguel Homem de Azevedo Queirós Sampaio e Melo, Ernesto de Vilhena, Luis da Costa Campos, major Eduardo Delfim, António Augusto Garcia, dr. António Soares Franco, José de Melo e Sousa, Luiz da Costa, Júlio Silveira Gomes, Jorge Freire Garcia, Fernando Coutinho da Silveira Ramos, Guilherme Cardoso Sarsifid, Elziário Luiz Faria Monteiro, João Maria Barreto Ferreira do Amaral, Jorge Justino de Moraes Teixeira.

Os ilustres donos da casa foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas qualidades de caracter.

Foi pedida em casamento para o sr. José Rodrigues de Carvalho, filho do sr. António da Silva Carvalho, funcionário da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a sr.^a D. Natália Dias Lourenço, interessante filha da sr.^a D. Hermânia da Assunção Lourenço e do sr. Manuel Gregório Lourenço importante proprietário em Colares, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

Na paróquia de Benfica, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria Del Negro Ferreira, gentil filha da sr.^a D. Clara Del Negro Ferreira e do sr. José Engrácia Ferreira, com o sr. D. Ernesto Maria de Portugal, filho da sr. D. Emília de Portugal e do tenente coronel sr. Jaime de Portugal, servindo do madrinhas as sr.^{as} D. Ema de Seixas, prima da noiva e de procuração a irmã do noivo a sr.^a D. Maria Lúcia de Portugal e de padrinhos os srs. Joaquim Tomaz de Seixas, primo da noiva e por procuração o irmão do noivo dr. Alberto Augusto de Portugal, presidindo ao acto o prior do freguezia reverendo Francisco Maria da Silva, prior da freguezia do Santo Contestável, pronunciando uma brilhante alocução o prior da freguezia, reverendo Francisco Xavier da Silva, seguindo-se a missa resada pelo reverendo Anastácio Rosa, Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Para seu filho João António, delegado do Procurador da República, em Coruche, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Adelaide de Castro Pereira Lopes Cardoso, esposa do sr. Conselheiro Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, meretíssimo juiz do Supremo Tribunal de justiça, a sr.^a D. Maria Delfina Capelo Franco Frazão de Figueiredo Falcão, interessante filha da sr.^a D. Maria Júlia Capelo Franco Frazão de Figueiredo Falcão, e do sr. dr. Augusto Pedro de Figueiredo Falcão, importante proprietário em Pedrogam-Penamacor, Beira Alta devendo o casamento realizar-se ainda este ano.

Em Esmoriz, celebrou-se na igreja Matriz, o casamento da sr.^a D. Maria da Glória Vieira Candal, gentil filha da sr.^a D. Maria Alves Vieira Candal e do sr. Manuel Dias da Costa Candal, com o sr. Ramiro Soares Pinto Ferreira, filho da sr.^a D. Ana Rodrigues da Silva Ferreira e do sr. Manuel Soares Pinto Ferreira, tendo servido de padrinhos os srs. dr. Manuel Dias da Costa Candal, e Francisco Dias da Costa Candal, irmãos da noiva e Lino Soares Pinto Ferreira e Carlos Soares Pinto Ferreira, irmãos do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais do noivo, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Com a maior intimidade, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Clara Stela Vilaverde Gonçalves, interessante filha da sr.^a D. Sára Falcão Vilaverde Gonçalves e do sr. dr. João Gonçalves, distinto clínico interno dos Hospitais com o sr. dr. Luís Bravo da Mata, filho da sr.^a D. Mariana da Mata e do solicitador encartado sr. João Brava



Casamento da sr.^a D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lencastre, com o sr. conde Carta, realizado em Cascais. Os noivos em os caudatarios

da Mata, servindo de padrinhos por parte da noiva seus primos a sr.^a D. Carlota Martins Falcão Guia, e o sr. Mário Falcão Guia e por parte da noivo seus tios a sr.^a D. Ernestina da Costa e o sr. Jaime da Costa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde fixaram residência.

Efectuou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Natividade Machado Silva, gentil filha da sr.^a D. Francisca da Glória Machado e do sr. Amiano António da Silva, com o sr. Horácio dos Santos Pires, filho da sr.^a D. Maria dos Santos Pires e do sr. António Martins Pires, funcionário do nosso colega «República», tendo servido de padrinhos a sr.^a D. Helena Beja da Silva, viúva do saudoso vereador da Câmara Municipal de Lisboa sr. António Beja da Silva e o sr. Rui de Moura.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Foi pedida em casamento no Porto, pela sr.^a D. Maria das Dores Melo da Silva Lelo, viúva do sr. José Pinto de Sousa Lelo, e pelo sr. José Pinto da Silva Lelo, para seu filho e irmão Edgar, a sr.^a D. Carolina Maria de Azevedo Mendes Pereira Campos, interessante filha da sr.^a D. Izabela Mendes Pereira Campos e do sr. Ezequiel de Campos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

Ajustou em Berlim o seu casamento, o conceituado comerciante da nossa nossa praça, sr. Julius Neger, com fraulein Eva Weinrel, que pertence a uma família de comerciantes naquela cidade.

No Porto, celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Miltz Correia da Cunha, interessante filha da sr.^a D. Luiza Correia da Cunha e do sr. Luiz da Cunha, com o distinto clínico sr. Dr. António dos Santos Amaral, filho da sr.^a D. Delfina Salzedas de Paiva Amaral e do sr. Joaquim dos Santos Amaral, já falecido, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Isaura Couto Lopes e D. Maria Silva Leal, e de padrinhos os srs. José Fernandes Couto Lopes e o Dr. Silva Leal. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia que revestiu a maior intimidade, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde vieram passar a lua de mel.

D. Nuno.



REALIZOU-SE há dias uma piedosa romagem ao túmulo do grande artista Leopoldo Battistini que, sem deixar de amar a sua filha, dedicara a Portugal quasi meio século da sua vida. Está mês de Janeiro marca os aniversários do seu nascimento e da sua morte com diferença de oito dias.

Como pintor, deixou verdadeiras obras primas que a mais rigorosa critica, existente como sempre, estabeleceu com verdadeiro entusiasmo.

Mas ditamos dois epílogos que, pela ingenuidade que os reveste, mostram bem que o Mestre era entendido até pelos que nada percebiam de Arte.

Battistini costumava comprar pinéis



O velho retrato de Leopoldo Battistini

numa drogaria que então existia na Rua de S. Roque. Um dia, o drogista perguntou-lhe:

— O senhor é que é o sr. Battistini? —

— Sou. — Pois eu tenho muita admiração por V. Exa. E sabe porque? Por causa de um cobertor.

— Mas eu não sou tecelão! — replicava o artista que via na exposição do logista qualquer engraxado equivoco.

— É que eu fui ver a sua exposição ao "Século", e fiquei asombrado com os pés do cobertor daquele quadro "Os Emigrantes". Vê-se mesmo que é um cobertor novo!

Com efeito, acim era. Nesse magnifico quadro sente-se a lição do cobertor de papa, a que o pinel de Battistini conseguiu dar uma flagrante realidade.

Outra vez, no Ribatejo, estando o artista a pintar ao ar livre, um camponês, admirado com a perfeição da pintura, saiu-se com esta:

— Ah! senhor "Battistinha." Muita bordada deve vomocê ter levado para chegar a pintar assim!... Olhe que eu nam aprendei e comprei uma vinha, *apantih castanha* e'a riba de uma ano!...

Como ceramista, Leopoldo Battistini deixou uma recordação imprecifável. Tendo tomado a direcção da Cerâmica Constância, em 1921, os últimos quinze anos de vida do artista foram inteira-

Um dos grandes pinelistas do século, Leopoldo Battistini, no ano de 1893. Na esquerda: o pintor português Prof. Bento de Fátima de Sá, de quem foi discípulo; ao lado, o pintor português Prof. João Chaves de Sá, de quem foi discípulo; e ao lado, o pintor português Prof. João Chaves de Sá, de quem foi discípulo.

GOIVOS E PERPÉTUAS EVOCANDO L. BATTISTINI

— O GRANDE ARTISTA ITALIANO QUE TANTO AMOU PORTUGAL

mente dedicados ao ressurgimento dessa fábrica que tão grande desenvolvimento tem dado à faisança artistica portugueza.

Mas quem melhor do que a senhora D. Maria de Portugal, que, a direcção da Fábrica succedeu ao mestre e com elle trabalhou durante vinte annos, poderá falar de tão allusivo valor?

Tem pois a palavra a sr. D. Maria de Portugal:

A Arte e a Bondade compõem as duas grandes lóvas materiaes da vida. Além de todas as tempestuosas lites por que o mundo passa, reconhecer-se-á sempre o poder destructivo da arte e da bondade. São elas que trouxeram neste momento até junto desas sete palmas de terra algumas personalidades marcantes.

O fidalmo pobre de um pobre artista, que foi rico apenas de talento, atrai-as como as particularis de ouro no seio da terra se atraem umas as outras.

Enquanto vivo, Battistini deu lições de forma, de côr, de perspectiva. Quere dizer, luz — suprême forma da arte.

A sua alma amparou amarguras, perdidos; maldades, ignouros ressentimentos; só entendeu a beleza, com a sua sublime projecção — a bondade.

Todos os que aqui estão sentem presente o seu espirito. Os que foram seus amigos sentem-lhe a doce companhia; os que não convivieram com elle mas lhe amam a obra experimentam o conforto espirital que emana das coisas perfeitae; os discípulos continuam a sentir-se guiados pelo Mestre; os seus compatriotas sentem que estão estivar uma obra de Battistini está um pedaço da lida eterna.

Quasi meio século viveu em Portugal: 14 anos em Coimbra, 34 em Lisboa. Destas duas cidades espalhou, por todos os recantos de Portugal, arte e bondade. Nada guardou para si...

Teve, no entanto, a fortuna de pelo seu deusque passaram, curvarem-se, chorarem centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

As ultimas 24 horas que demorou na sua velha casa de S. Dominico, à Lapa, devem ter-lhe confortado a alma, tanto que o seu rosto era cada vez mais sereno e quasi sorridente.

Essas duas noites frias, chuvosas, de

4 e 5 de Janeiro de 1930, não dissuadiram ninguém da via dolorosa que terminava junto do seu corpo. E digo terminava, porque, vindo transida de afflicção, ao dar com os olhos n'aquele serendide, a mágoa temise de gritar. Todos choravam, mas silenciosamente, — que assim a dor é maior.

Operárias, vindas do Casal Ventoso, com os filhos de braço, encharcadas de trapos junto do catafalco... Eram os moldes agora initeis da sua galeria de humilde. Num canto, as duas filhas do seu grande amigo Charles Lepierre, e tantas das suas discipulas, perfeitadas de dôr, quando a luz das velas lhes dava nos olhos brilhantes, ou no tiro dos cabelos pareciam esboços de quadros de nobre solrimento que o Mestre sonhara.

Ultimamente amou ao fogo e à forma da faisança reconceira nele a paixão pela pintura a azul. Desejava de novo trabalhar, preparava tudo afanosamente, como se pressentisse que se aproximavam as ultimas horas.

O poente foi rapido, efectivamente; apenas lhe deu luz para criar o tritico admirável que é a *Sabana*, inspirada no poema de Eugénio de Castro.

A mim prometera o Mestre alguns dos seus projectados quadros. Os mais belos foram os que desfilaram em frente do seu



A mãe do grande e nobre artista L. Battistini



O túmulo de Leopoldo Battistini no Alto de S. João

caixão. As suas mãos não os excutaram, mas a sua alma gravou-os na minha alma para sempre.

Convivi 20 annos com Battistini; com elle aprendi tudo quanto sei; se há no meu coração alguma bondade, à sua bondade a devo. Foi o barro mais humilde de que o artista quis fazer obra de arte. Não o conseguí. Mas transmitiu-me o amor das coisas belas e a persistente vontade de trabalhar com o fogo e o barro. Aqui lhe prometo solememente, que enquanto eu viver, o seu nome não deixará de ser escrito nas obras que a officina legada pelo Mestre fôr criando.

Fui, que sabia o seu acrisolado amor pela lida, cobri o seu corpo com a bandeira tricolor. Está junto ao seu peão. Trouxe-a para Portugal há 48 annos; com os seus ossos voltará para a sua terra.

Assim terá sempre perto de si um pouco da Pátria.

Que mais dizer de Battistini, que melhor dê a sua vida e a sua alma do que os versos de Dante e Camões que escreveu no seu humilde?

O primeiro diz:

El nessuno mai sepe il mare ch'egli abòl.

E o segundo:

*Um exemplar concitado que se ophere
A ter por gl'hoia u ser atormentado.*

Na verdade nenhum de nós, entendeu bem a alma que elle tinha; só Deus, que a criou perfeita, a poderá amar como merece.

Da vida, Battistini não quis outra glória que não fosse a de ser atormentado — a de sofrer pela Arte e pela Bondade. Grande e sereno alma a sua! Como poderia elle ser comprehendida?

Assim falou a illustre artista D. Maria



D. Maria de Portugal, mãe do grande e nobre artista L. Battistini

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; e Dicionário de Máximas, de Adágios e Provérbios, de Jaime Rebelo Espanha.

I CONGRESSO CHARADÍSTICO PORTUGUÊS CONVOCAÇÃO

A fim de se eleger a Comissão Organizadora do I Congresso Charadístico Português são convocados todos os confrades a reunirem-se na sede da TERTÚLIA EDIPÍCA, na Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Sala 26, no dia 17 de Janeiro de 1937, às 17 horas.

ERRATA

No número anterior

onde se lê *leia-se*
Novíssimas Novíssima
Sincopadas Sincopada

APURAMENTOS

N.º 64

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ZIÚL
N.º 1

OUTRAS DISTINÇÕES
N.º 3, Veiga

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 10 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávoló, Cantente & C.^ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, Rei Mora, Ti-Beado, X 505.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 9. — Salustiano, 9. — Rei Luso, 9. — Só-Na-Fer, 9. — Só Lemos, 9. — Souhador, 8. — João Tavares Pereira, 8. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 8. — Lamas & Silva, 7. — Salustiano, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 4. — D. Dina, 4. — Lisbon Syl, 3. — Aldeão, 3.

DECIFRAÇÕES

1 — Pala-lavra-palavra. 2 — Demonstrado. 3 — Larear. 4 — Mimoso. 5 — Parrudo-pardo. 6 — Cãmara-cara. 7 — Levada-leda. 8 — Caneta. 9 — Aberto-ato. 10 — Ou oito ou oitenta.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

(Ao confrada Zé da Eira)

1) A tua espécie de abelha do Brasil chupa muito rebuçado e não gosta da intriga. (2-2) 3.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

2) Impus silêncio a quem tivesse mania ou "te-lha.. (2-2) 3.

Lisboa Dama Negra

3) Escutando uma canção de barqueiros, e usando gíria, encontrei uma vez um homem nobre na China. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 73

NOVÍSSIMAS

4) Examina bem a questão e toma "nota" de todos os pontos para que tudo fique bem planejado. 3-1.

Luanda Conde de Monte Cristo
(A Majoqui)

5) Escorregaste na lama? Contudo eu não dispenso a bebida refrigerante. 2-2.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

6) "Nota", que todo o cetáceo é engraçado. 1-2.
Luanda Ti-Beado

SINCOPADAS

7) Com uma libra comprei uma viola. 3-2.
Lisboa Bibi (Abexins)

8) Trabalha, se não te queres tornar maçador. 3-2.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

9) As castanhas assadas em fogueira eram devoradas pela multidão. 3-2.

Lisboa Négus Veiga (Abexins)

10) Não sei que enrêdo há na tua voz... 3-2.
Lisboa Sepol

11) Grande naco não quero. 3-2.
Luanda Ti-Beado

12) Anda sempre um tanto ébrio devido à sua má cabeça. 3-2.

Lisboa Zé da Burra

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

13) Se o feminino
Alguém ataca,
Eu logo puxo
Por uma faca.

Se o masculino
Eu bem lamento,
E' só por ser
Muito sardento.

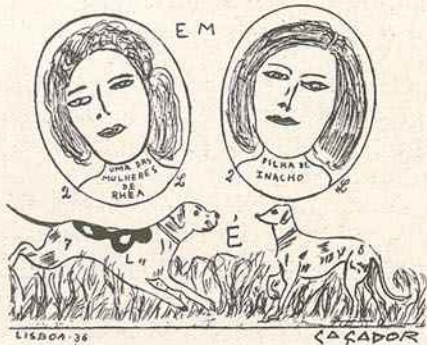
Logo aumentando,
De rir me farto:
Mas que maroto
E' o lagarto!

Se deminuto,
O mal espalha.
Outro tratante
Mete a navalha.

Lisboa D. Lica

14) Se a prima fôr a prima
E a segunda a prima fôr,
No final a prima mostra
Um agil decifrador.

Lisboa Mariazinha



15) Ela é pessoa maçadora,
A-pesar-de ser encantadora.
Ele, deixa sempre grande rasto,
Quando leva seu gado ao pasto.
Aumentando, é interessante
Ver aparecer um intrigante.

Luanda Ti-Beado

MEFISTOFÉLICA

16) Não te prendo. A ingratidão
E' contrária ao meu sentir.
Nada tens no coração,
O que sabes é mentir.

Conheço os teus predicados,
Todos de menor valia...
Como os teus lábios eivados
De veneno — hipocrisia!

E francamente lamento
Quanto contigo passei...
Até aquele momento
Em que para ti olhei! — (2-2) 3

Colares Maria Luiza

(Cumprimentando respeitosamente o Ex.^{mo} Director)

17) A vida presentemente
Arrelia cruelmente
Quem possui mulher e filhos.
Com o pouco que se ganha
Não há ninguém que mantenha
O pobre lar sem sarilhos.

É ver as donas de casa
Cujo orçamento se arrasa
Nas compras de cada dia!
E são milhentas tragédias
Para refrear as rédeas
No talho e na mercearia.

Tudo é caro e tudo aumenta,
E pouca gente se agüenta,
Se mais recursos não tem.
Certos pais, p'ra concordar,
Resolveram aumentar
A filharada também.

Sobe tudo qual balão...
O arroz, o azeite e o grão,
E a manteiga, sem cessar.
Sobe escadas o carteiro,
Mas não lhe sobe o dinheiro,
Que tanto custa a ganhar!

Há quem só coma por mês
Pouco mais do que uma vez
E não conheça desgostos!...
São felizes, eu bem sei,
Pois desconhecem que a lei
Nos esmaga com impostos... — 3

Há muitas casas sem pão,
Muita dor, muita aflição, — 1
Muita gente pobrezinha
Que a miséria consome,
E até nas ruas, com fome,
Se vê muita criançinha.

No Mundo impera o terror,
Não há crença nem amor,
Nem respeito por ninguém...
Tanto luto pela Terra,
E a visão de nova guerra
Faz soluçar muita mãe.

O careiro vendedor,
Sem compaixão pela dor
Dos mais miserandos seres,
Anda alegre e satisfeito
Porque a desgraça por jeito
Lhe aumentará os haveres.

Meu Portugal pequenino,
Por ti rogo e que o destino
Se compadeça dos teus.
Que venha breve a bonança,
Essa tão sublime herança
Que só pode legar Deus!

Lisboa X 505

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA FIGURADO

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PODEM os homens degladiar-se, por desencontrados ideais, podem forjar planos novos, conceber visões acomodaticias aos seus desejos e aspirações, que vai tudo quebrar-se, esfalçar-se contra o obstáculo intransponível, o obstáculo que se ergue, cedo ou tarde, ante nós todos, sejamos crentes, descrentes, despostas ou filantropos.

Essa barreira, onde tudo se esmaga e se modifica, umas vezes, a nosso contento, outras, muito contra a nossa vontade, é o amor — o soberano senhor do mundo, em cuja côrte se acotovelam grandes e pequenos, e onde desfilam, lado a lado, a miséria e a opulência, porque tudo, irmana, tudo nivela, nos seus misteriosos desígnios, que ninguém, por mais hábil decifrador de charadas e enigmas, pode de antemão prever ou evitar.

Esse menino, que veio ao mundo quando a êle veio o primeiro ser, nunca mais deixou em paz o género humano, nem o outro inferior, que também ama, sem saber que ama, tal qual como o homem, e como êle sofre e gosa a delícia do amor, no mesmo instante único em que a morte roça por nós e quasi nos mata.

No meio da agitação em que as paixões espadanam nas almas, e em que a espingarda, a bomba e o canhão trazem o mundo asoberbado, é lindo e reconfortante ver que o amor não cede os seus direitos.

Emquanto os engenhos de destruição procuram revolver a terra, o amor põe a sua mais bela grinalda, empunha a lira, e canta o beijo, e a carícia suave dos lábios, canta a ternura dos pares unidos, na evocação de um futuro risonho, e não ouve a bomba que explode, nem o obuz que fende o espaço a abrir a sua rota sangrenta para a ceifa de vidas môças e cheias de sonhos de ventura.

Quer lá saber, o amor, de ódios, invejas ou ambições! Quer lá acreditar que haja alguém que pense noutra coisa que não seja a dansa dos corações, em que todos buscam encontrar o parceiro sonhado!

As suas setas, que ferem sem fazer sangue, crusam-se com armas mortíferas que quando não matam aleijam o alvo, e lá seguem o seu caminho e chegam sempre ao seu destino, por mais entraves que lhes queiram pôr.

E se não fôsse êsse miudo traquinas que nos distrae das agruras que a cada passo se atacam à pobre humanidade, podia-se lá suportar a vida?!

Mesmo quando a sua recordação nos faz doer a alma, não podemos querer-lhe mal, tal graça e tal encanto tem, o patife do amor!

Até quando nos rala e nos mortifica, não perde o interesse que em nós desperta com as suas "partidas", nem mesmo quando nos leva no "conto do vigário".

Quando êle passa por alguém, deixa-o marcado com os laivos da sua graciosidade e ternura.

Quem amou conserva nas feições o tregeito das carícias trocadas, e no olhar o lume do esplendor dos seus júbilos e tormentos.

Quem nunca se deu ao amor tem a alma ressequida e o rosto baço, como

SUA MAJESTADE, O AMOR

as árvores que se mirram sem ter dado flor e o vidro embaciado pela bruma do inverno, atravez do qual a luz passa dolorosamente.

Não amar é não sentir a vida, é viver morrendo. Não amar é tão monstruoso, que não tem desculpa, que não tem definição certa.

Quando a mulher que sabe amar passa na rua, tôda ela rescende a carinho, e no ambiente fica pairando um cântico dulcíssimo, aquele de que fala D. João da Câmara para definir o amor, e que "parece o cântico duma alvorada".

Um rei acaba de dar ao mundo o exemplo da sua submissão a essa magestade mais forte, e, humildemente, corajosamente e sem pejo, rende-lhe homenagem, na pessoa da mulher amada.

Um rei, ouçam bem, rapazinhos pedantes, que quereis afirmar a vossa tola superioridade, fazendo pouco da mulher — um rei deixa de dar beija-mão no Paço, para beijar a mão da sua escolhida, escondidamente e recatadamente.

Um rei — reparai, vós todos que combateis por um ideal torpe e falso, vós todos que arqueijais cansados de ambicionar riquezas e poderio, mando e força — um rei do maior império do mundo, que tinha honras, que tinha luxo, que se movia num âmbito de grandeza, aos pés do

qual outros grandes da terra ajoelhavam, decidiu simplesmente viver como um burguês qualquer, longe de mesuras e continências, num canto discreto, e ser feliz!

Ser feliz não é o que vocês pensam quasi todos; ter dinheiro para gastar à farta, sentir em sua volta uma aluvião de mentirosas reverências, num quadro onde os sorrisos são envenenados de inveja, e onde os olhos assassinavam, se fôsem punhais. Ser feliz é ter uma mulherzinha a quem se quer muito, e dois ou três diabretes — ou os que Deus quizer — a cambriolar pela casa fora, a enche-la de risos e alegria.

E é isto o que êsse rei quer. O seu nome, que até aqui andava na memória de tôda a gente, pela sua esplendorosa significação, está hoje gravado em todos os corações, pelo sentimento de humanidade com que amorteceu todos os brilhos da sua côrte.

O seu nome hade ficar na história, maior do que os maiores, sem feitos de armas, sem bravuras, porque soube ser um Homem.

Um homem que teve a fôrça da sua fraqueza. Um homem que de coração nas mãos disse ao seu povo: "Eu sou, como vocês, um pobre diabo que não resistiu ao amor e quero largar esta túnica maggestosa de rei, que é muita estreita, que me aperta a alma e não me deixa viver!"

Esse que foi Eduardo VIII não mais ouvirá o "God save the King", á sua passagem.

Mas ouvirá o hino de reconhecimento de tôdas as mulheres do universo, pela sua singela e sentida glorificação da Mulher.

Mercedes Blasco.





O pugilista alemão Max Schmeling, pretendente ao título mundial de títulos as categorias.

Por duas vezes já o Benfica conseguiu durante três anos a fio conquistar

o campeonato, em 1912-13-14 e 1916-17-18, o mesmo sucedendo com a equipa inglesa de Carcavelos em 1907-08-09, nos primeiros anos de organização da prova; o Sporting, agora, estabeleceu novo, record, em condições muito mais meritórias porque o desenvolvimento desportivo é consideravelmente maior, e o qual não cremos seja tão próximo superado.

O clube dos "leões", com o seu novo êxito, fica também sendo aquele que mais vezes ganhou o campeonato, onze espalhados num período de 22 anos. O Sporting conseguiu pela primeira vez o título de campeão de Lisboa em 1915, reiniciando em 1919-22-23-25-28-31-34-35-36-37.

Os vencedores das restantes provas foram: Carcavelos em 1907-08-09, Benfica em 1910-12-13-14-16-17-18-20-33, Internacional em 1911, Casa Pia em 1921, Vitória em 1924-27 e Belenenses em 1926-29-30-32.

No campeonato deste ano, o clube vencedor sofreu duas derrotas, ambas por 1-2, aplicadas pelo Belenenses e pelo Carcavelinhos, empatando ainda uma vez contra este mesmo Carcavelinhos e outra com o Benfica.

Foi o Sporting o único grupo que conseguiu marcar bolas em todos os seus encontros, totalizando um activo de 31 "goals", o maior, e consentindo apenas

CONCLUIU o 31.º campeonato de Lisboa de foot-ball cujo triunfo veio a pertencer, afinal, ao Sporting, pela merecê duma última jornada sensacional que despertou no espírito público entusiasmo e interesse há muito adormecidos.

O Sport Lisboa e Benfica, que as circunstâncias da competição haviam guindado, após um começo difícil, ao posto da vanguarda, não conseguiu evitar a derrota no jogo derradeiro e viu-se ultrapassado na embalagem pelo seu mais antigo e directo adversário. Assim, ao Sporting, para conquistar o triunfo ambicionado, não bastou vencer o encontro que disputava, foi preciso também que o Benfica perdesse aquele que lhe compelia.

Isto, que pode parecer à primeira vista de complicada subtilidade, resulta unicamente da própria estrutura da competição; o Carcavelinhos, vencendo no seu campo o Sporting por 2-1, guindara o Benfica à primeira posição e, um mês depois, aplicando a este clube a mesma pena, restabeleceu a situação primitiva. Não esqueçamos ainda, como elemento exacto de confronto de valores, que, nos dois encontros do campeonato em que se defrontaram os rivais, Sporting venceu o primeiro por 5-0 e empataram 1-1 no segundo.

Com a vitória deste ano, o glorioso clube do Campo Grande logrou manter-se detentor do título regional pela quarta vez consecutiva, proeza notável e ainda nunca registada.



O S. C. de Portugal, pela quarta vez consecutiva vencedor do campeonato de Lisboa em football tem enguço em ser fotografado; por isso tem valor histórico os documentos como este, obtido quando há meses conquistou também o campeonato nacional.

A QUINZENA DESPORTIVA

que lhe enfiassem 9 nas redes, o menor passivo dos seis contendores.

O internacional Manuel Soeiro Vasques, avançado centro dos "leões", foi o jogador que maior número de bolas obteve, uma dúzia nos oito encontros em que participou.

O problema do profissionalismo nos clubes portugueses tem sido ultimamente motivo duma campanha na imprensa da especialidade, tanto tempo calada sobre o assunto e agora desperta a propósito duma vira-volta de critério nas esferas dirigidas de importante agremiação, talvez aquela que maiores responsabilidades tivera na expansão desmoralizadora do mercado.

Porque na verdade se trata duma situação que convem esclarecer e cuja influência no meio desportivo nacional se pode considerar decisiva, interessa-nos também expôr parecer pessoal e é nestas páginas onde melhor cabimento encontra. Trata-se dum caso doutrinário, em absoluto acôrdo com os moldes destas crónicas.

As agremiações desportivas devem desempenhar na sociedade um papel importante. Formadas pelo aglomerado de indivíduos das classes mais diversas, estabelecem-se por seu intermédio laços de camaradagem entre pessoas que a vida destinara a viver separadas, e os princípios sagrados da solidariedade, do auxilio mútuo, do respeito pessoal, desenvolvem-se no contacto desportivo com evi-

dentes vantagens mútuas: os de cima, lucram ser melhor apreciados, os de baixo progredem no convívio com criaturas de educação e cultura superior à sua.

Apresentada sob este aspecto, que é o da verdadeira moral desportiva, a missão clubista é tanto mais melindrosa quanto maior fôr a importância e expansão da colectividade, e alia ao objectivo directo de prática metodizada dos exercícios físicos, aperfeiçoamento e desenvolvimento físico dos seus associados, uma possibilidade de progresso e amparo sociais do mais elevado conceito moral.

Não cabe dentro de qualquer critério exacto de apreciação do desporto, considerá-lo como um elemento exclusivo de lucros financeiros para os seus praticantes; o profissionalismo integral não é compatível com os recursos das colectividades portuguesas, nem representa benefício social para os rapazes que em seu regime actuam.

Acostumar indivíduos, na época mais vigorosa da existência, a uma vida divorciada do trabalho, criando em seus espíritos hábitos de preguiça e cerceando-lhes recursos para enfrentar as dificuldades sociais quando haja terminado o período de actividade desportiva compensadora, gerando a miragem duma situação insustentável, não é procedimento que possa merecer aplauso dos orientadores competentes das necessidades educativas do país.

Felizmente, o profissionalismo cem por cento não existe em Portugal, e aqueles



O corredor de fundo Manuel Dias, merecê ser apontado, pela sua classificação na Maratona olímpica como o melhor atleta português do ano.

que assim são designados raro vivem exclusivamente dos proventos auferidos pela virtude das respectivas faculdades desportivas. Consagrando ao desporto uma parte considerável da sua actividade, compensam a perda de tempo e o dispêndio de energias auferindo uma verba auxíliar dos seus vencimentos provenientes de outra e verdadeira profissão.

Desde que seja respeitado este critério, nenhum reparo pode merecer a retribuição pela prática desportiva; fundamentalmente indispensável é, porém, que todos os desportistas tenham um modo exacto de ganhar a vida independente dos proventos que auferem pela via do desporto.

O extinto ano de 1936 foi pouco fértil em acontecimentos desportivos de grande monta, e se não fôra a realização dos Jogos Olímpicos em Berlim passaria à história como um período de simples vulgaridade.

A competição olímpica é, de facto, a única organização de grande vulto que a história conservará gravada para sempre nos anais do desporto, a assinalar na lembrança dos homens o 1936. Os alemães, seus organizadores, deram ao mundo a mais nobre lição de grandiosidade, perfeição técnica, disciplina e firmeza de vontade; a classe dos competidores, vindos de todos os países do universo, afirmou progressos de valor físico que as hipóteses mais lisonjeiras consideravam utópicas, antes de verificadas.

Da restante bagagem do ano, a memória posta em acção apenas nos aponta mais dois acontecimentos dignos de realce: um pela surpresa que causou ao mundo, outro pelo seu real valor atlético. Referimo-nos à vitória alcançada em junho pelo pugilista alemão Max Schmeling sobre o negro Joe Louis, e ao novo record do mundo da hora em bicicleta, estabelecido em Milão pelo francês Maurice Richard com 45,4^{km} 398.

Há poucos dias, um grande diário americano reuniu em Nova-York, setenta jornalistas desportivos dos mais considerados, a fim-de indicarem por voto qual tinha sido o melhor atleta durante o ano que findava.

Por considerável diferença de pontua-

O fenomenal corredor de velocidade Jesse Owens foi considerado pela imprensa americana, capitão de seu tempo, o melhor atleta do ano.



ção ficou classificado em primeiro lugar o negro Jesse Owens, campeão olímpico dos 100 e 200 metros, da estafeta e do salto em comprimento, o homem cujo nome figura seis vezes na lista dos records do mundo homologados pela Federação Internacional de Atletismo em Berlim: 100 jardas em 9,4 s., 100 metros em 10,3 s., 200 metros em 20,3 s., 200 metros barreiras em 22,6 s., 4x100 metros estafetas em 39,8 s., e 8,13 saltados em comprimento.

Os nomes seguidamente mais votados pelos setenta juizes foram, pela ordem respectiva, o do jogador americano de base-ball Carl Hubbell, o do pugilista alemão Schmeling, o do jogador universitário de football americano Larry Kelley, Glen Morris, vencedor do decathlon olímpico, o inglês Perry, campeão do mundo de tennis, Joe Dimaggio outro jogador de base-ball, o campeão olímpico e recordman do mundo dos 110 metros barreiras Torrest Towns e, enfim, o pugilista Joe Louis, que em 1935 fôra apontado à cabeça do rol.

É evidente que esta lista sofre das consequências de haver sido elaborada por americanos, só assim se justificando a inclusão em postos de honra de homens só conhecidos no país e que nunca prestaram provas internacionais, como os jogadores de base-ball; mas no fundo, acceitamos-lhe sem escrúpulo as indicações.

Salazar Carreira.



O CHÁ NA VIDA FEMININA

um rito na vida feminina. É a hora em que a mulher mesmo a que menos come, tem apetite para comer uma sanduiche, para trincar uma torrada ou comer um bolo.

É a hora das confidências e é também a hora das esfuziantes conversas em que os ditos de espírito se perseguem como borboletas aladas. O chá só se compreende tomado entre pessoas que se interessam pelos mesmos assuntos, numa comunidade de ideias e de gostos.

Nada há mais doloroso do que um chá de cerimônia, entre pessoas que quasi se não conhecem e se não estimam ou não simpatizam, numa atmosfera que o perfume oriental e exótico não consegue aquecer e tornar vibrante. Perde então o chá das cinco esse encanto que o torna quasi como o ópio para os apaixonados, uma espécie de embriaguês que provoca, a expansão que torna as almas sensíveis, comunicativas e mais exuberantes, tornando o ambiente acolhedor e electrizando a atmosfera.

Mas como as donas de casa podem tornar mais interessante ainda a hora do chá, tornando mais íntima e doce a convivência das que reunidas o tomam, fazendo com que essas reuniões sejam reuniões de caridade.

O inverno que temos diante de nós, ameaça os pobres, os desgraçados com as suas intempéries.

Quantos lares onde não se acende o lume, quantas crianças sem pão, tiritando de frio, sem ter com que cobrir os seus tenros corpinhos, defendendo-as das mil doenças, que espreitam como enviadas da morte, as crianças pequeninas, que ninguém protege e que os pobres pais que a miséria rodeia, não podem defender.

Quantos velhos, que sem abafos tosem desesperadamente, a bronquite sua companheira, agravada pelo frio que nada impede de enregelar os seus membros que parece já a morte tocou.

E quantas mães que esperam a vinda dum entesinho já adorado e querido, como se em seus braços estivesse, sem ter um trapo com que os vestir, sem ter um cueiro, para os envolver. As mães que esperam no conforto dos seus lares a chegada do filhinho para quem fazem com as suas brancas mãos o enxovalzinho de linhos finos e rendas de espuma, que fazem ao «tricot» os fofos casaquinhos, que preparam as sedosas flanelas e que enfeitam um berçinho, como ninho acolhedor com setim acolchoado, coberto com o quente edredon, não poderão pensar sem dar na agonia, que esmaga o coração da pobre, que deitará o seu filhinho em palha, envolto em farrapos se os tiver e que vê com angústia aproximar-se a hora dolorosa da sua vinda ao mundo, sem ter nada que lhe vestir, se não o seu amor para o envolver.

E pensemos também um pouco nesses que na vizinha Espanha combatem, expostos ao gelado frio das madrugadas, e que tanto precisam de camisolas e «cache-cols» para se defender dêsse terrível inimigo: a pneumonia.

É tão bom fazer bem, é tão consolador que, transformar essa hora encantadora do chá, numa hora de beneficência, faria com que o seu encanto aumentasse, se tornasse mais suave a convivência, mais sólidas as amizades e mais agradável o convívio entre as senhoras que se reúnem.

Em vez de perder dinheiro ao «Mah-Jong», comprem umas lãs, umas agulhas de «crochet».

E nessas reuniões a bondade irradiaria, não haveria má língua, quando se faz o bem não se pode falar mal do próximo, o ambiente seria mais doce, na convicção de que se estava a cumprir um dever.

Porque fazer o bem é um dever e quando se não cumpre esse dever paga-se bem caro. A indiferença dos abastados cria a revolta dos indigentes. O que faz o ódio comunista? A desmoralização e o egoísmo das altas sociedades.

O que fez o comunismo aflitivo na Rússia e na Espanha? O egoísmo dos de cima, a desmoralização da sociedade, que perdera todó o freio exibindo com impudor as taras, que fizeram com que fôsse desprezada e odiada.

Nos «bridges» de Madrid, perdiam-se por divertimento, milhares de pesetas que aplicadas com carinho a fazer o bem teriam evitado que

o ódio germinando criasse rios de sangue e mares de lágrimas. Não se perderiam tantas vidas jovens e tôdas úteis e disciplinadas, seriam bem aproveitadas para o bem da sua pátria.

Que este exemplo e a bondade inata da alma portuguesa, torne os chás dêsse inverno, doces reuniões a que a caridade presida e que a instituição do chá das cinco criada por uma princesa de Portugal, nas brumosas tardes de inverno inglês, e, que a Inglaterra nos recambiou como instituição elegante, sirva para vivermos horas agradáveis e de utilidade social, horas que nos satisfaçam e criem a verdadeira fraternidade humana: a da bondade.

Essa bondade que torna tudo mais fácil e a vida mais suave para pobres e ricos. Da bondade emana a felicidade, para ser feliz é preciso ser bom e pensar um pouco nos outros.

O egoísmo é um dos maiores males da nossa época, mas que com boa vontade se vence, e a mulher cabe o lindo papel de exterminadora dêsse mal e é com elegância, que o pode fazer, juntando à sua vida de sociedade o amor social pelo próximo.

A que não pode fazer o sorriso amável duma bonita mulher num chá elegante, para obter que tôdas trabalhem para o bem comum, que a tôdas convém que a sociedade melhor e que as desgraças diminuam?

E pois para desejar que os chás dêsse inverno produzam o fruto desejado e iluminem com sorrisos os lares desabrigados dos que sofrem e que nunca devemos esquecer.

E assim somos tôdas mais felizes, as mulheres que aliviam os sofrimentos alheios e aquelas que se sentem socorridas e amparadas.

Porque a felicidade na vida vem-nos muito mais do bem que fazemos, do que daquele que a nós nos fazem.

O que prova que na humanidade persiste sempre o germen do bem, embora o egoísmo avassale o mundo, produzido talvez, pela dificuldade da vida. Mas que o chá essa bebida elegante e agradável, que nos proporciona tantas e tão agradáveis horas de convivência social, nos dê também esse prazer, o maior de todos, de contribuir para minorar o mal alheio.

E como ficarão mais belas as brancas mãos que sôbre a meza mechem em porcelanas e pratos, e, num gesto elegante oferecem as loiras torradas e os apetitosos bolos, que muitas vezes são feitos por essas delicadas mãosinhas, que os não fazem cintilar.

Abençoado chá e abençoado quem o introduziu na sociedade elegante, pois pode com boa vontade fazer florir a arvore da bondade dos contos de fadas.

Maria de Eça.



É interessante observar como há certas instituições, que caem admiravelmente na vida e se tornam um hábito que dificilmente podemos abandonar. O chá essa bebida exótica, que põe no ambiente um perfume oriental, que excita o intelecto, reaviva o olhar e torna mais cintilante a conversa, tem sem dúvida um lugar muito especial na vida moderna, principalmente na vida feminina.

O chá das cinco é uma refeição indispensável na vida de hoje. Não há mulher que possa viver sem tomar uma chávena de chá e comer uma sanduiche às 5 horas da tarde.

Esta instituição que muita gente aceita com vinda da Inglaterra, que a exportou para todo o mundo, é bem portuguesa na sua origem, foi Catarina de Portugal, a feia e bondosa esposa de Carlos II de Inglaterra, que pelas suas altas qualidades conquistou o seu volúvel esposo, quem instituiu em Inglaterra o hábito de tomar chá às 5 horas, tendo levado o chá de aqui onde tinha sido trazido pelos navegadores, que tinham descoberto o caminho do oriente.

Foi esse hábito que ajudou a princesa portuguesa, a suportar a sua vida de exílio, nêsse clima de bruma tão diferente do exuberante sol do nosso país, no seu abandono de esposa amante e um pouco abandonada por um marido egoísta e volúvel. O chá doirado, bebida que na fina taça de porcelana inglesa, lhe trazia o aroma do seu país, era o narcótico da sua nostalgia e foi pouco a pouco introduzido na sociedade inglesa e a Inglaterra espalhou-o pelo mundo inteiro. Quem não toma hoje chá às cinco horas no mundo civilizado?

O «cocktail» essa bebida americana tenta suplantá-lo mas não o consegue, o chá tem talvez no exotismo do seu perfume um encanto, que torna mais íntima e profunda a conversa numa sala confortável e cómoda.

As almas abrem-se, as palavras são mais afectuosas, a intimidade faz-se numa conversa com uma chávena de chá na mão.

Há duas maneiras de servir o chá. Uma na sala de jantar, na mesa coberta por uma rendada toalha, é elegante, mostra melhor a dona de casa, os tesouros dos seus bordados, faz mais vista a fina porcelana dos seus armários, mas dá um aspecto de disciplinada refeição ao chá das cinco, que lhe tira muito o encanto do seu aspecto.

A outra maneira é na mesa de chá rolante, que entra na sala com o taboleiro onde o fumegante «samovar», põi o seu «ronron» da água a ferver e que dá um ar de encantadora intimidade ao ambiente que nos rodeia. Instintivamente ao recebermos das mãos da dona da casa a chávena da deliciosa bebida, procuramos sentar-nos perto das pessoas, que mais nos atraem pela simpatia que nos inspiram ou pelo interesse que a sua intelectualidade em nós desperta.

É que o chá das cinco, não é uma refeição é

NUMA loja de modas, o caixeiro para a senhora que entra a fazer compras:

— V. Ex.^a deve ficar com este vestido. Esta côr vai muito bem com a sua palidez.

— Mas eu não sou pálida. Se empalideci foi ao ouvir o preço...

— Mamã, estou resolvida a romper com o Jorge. É homem que não me convém.

— Mas, minha filha, êle parece bom rapaz, e tem bastante de seu.

— Pois terá, mas é um descrente em tudo. Calcule que ontem teve a audácia de me dizer que não acreditava no inferno.

— Não faça caso, minha filha. Deixa-o casar contigo, que, depois, tu e eu lhe faremos ver se há inferno ou não há.

Uma criada, que namora um preto, recebe uma carta dêle. Como não sabe ler, pede à menina da casa que lha leia.

— Esta carta vem cheia de borrões de



Os anjinhos de hoje pegando na cauda à noiva: — Olha! olha! ela tem os joelhos tortos como dois ariachos...

tinta — diz a menina, ao abrir a amorosa missiva.

— Devem ser lágrimas — elucida a criada — êle, coitadinho, é preto.

— Ó mamã, sempre é certo que me-reço a sua confiança?

— Sim, meu filho.

— Então porque fechou à chave o armário onde estão guardados os bolos de amêndoa?

Numa aula de instrução primária, o mestre pergunta a um dos alunos:

— O que vem a ser salário?

— Não sei, senhor professor.

— Sabes, sim. Ora dize-me cá: onde trabalha teu pai?

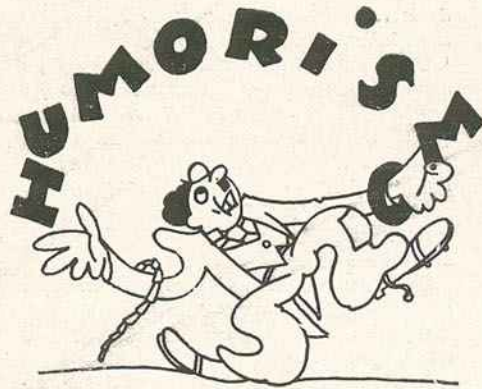
— Nas oficinas do Gás.

— E, no fim da semana, não recebe dinheiro no escritório?

— Recebe, sim, senhor.

— E o que leva êle para casa no dia de pagamento?

— Uma bebedeira de alto lá com ela.



Um estudante, tão preguiçoso como cheio de espírito, dizia a um condiscípulo que o fôra despertar para não faltar à aula:

— Nunca fui invejoso, mas há uma coisa que me causa inveja.

— Qual?

— O sossêgo do Tejo que podes ver daquela janela.

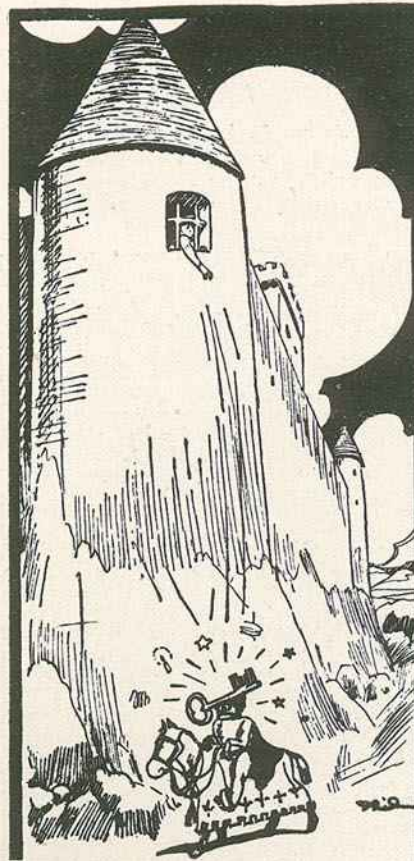
— Mas que pode ter o rio com os teus estudos?

— É que pode seguir o seu curso sem sair do leito.

— Levo uma vida insuportável com minha mulher.

— Mas parece tão boa criatura.

— É o que parece! Calcula que se mete em tudo e por tudo implica. Imagina que quando me vou acostumando a uma camisa, obriga-me logo a tirá-la.



Na Idade Média. A castelã, farta de esperar o marido, atrai-lhe a chave para que êle abra a porta.

— Ah! então a senhora que te acompanhava é que é a tua mulher?

— Pois é. Supunha até que a conhecias.

— Não tenho êsse prazer.

— Prazer?! Bem se vê que não a conheces!

Na escola, o professor para o aluno:

— Vou fazer-lhe apenas uma pergunta. Quantos volumes tem a biblioteca de Mafra?

— Tantos como a de Bruxelas.

— E quantos tem a de Bruxelas?

— O sr. professor declarou fazer apenas uma pergunta. Suponho que não desejará faltar à sua palavra.

Um dêstes rapazitos modernos que se julgam altas capacidades dinâmicas e outras coisas equivalentes, pretendia meter



— A corrente entra por aqui e sai por ali. — E no interior, o que é que ela faz? — Pois que há de fazer? Desenvencilha-se... Acha pouco?...

a ridículo um velhote trôpego que tinha fama de beber o seu copito.

— Como se explica — perguntava o fedelho — que os homens de certa idade sintam os efeitos do álcool nas pernas, ao passo que nós, os novos, os sentimos na cabeça?

— É muito simples — respondeu o velho — o álcool tende sempre a procurar no homem o ponto mais fraco.

— Ó mamã, com que mão se mexe o café?

— Com a direita.

— Mas o papá disse-me ontem que o mexesse com a colher.

Num exame de medicina:

— Além do clorofórmio e do éter, que mais pode servir para fazer perder os sentidos?

— Uma bordoadá na cabeça, por exemplo. É raro falhar.



ânsia... Quanto se luta, quanto se sofre, quanto se trabalha, para viver!

O maior médo da humanidade é perdê-la, o maior desgosto é ver acabar a vida dos que amamos e no entanto, o único destino certo com que viemos a este mundo é o de perder a vida.

E a maneira de tornar mais suave e mais bela é de fazer o bem o mais possível, é de ver acabar com resignação os anos tristes ou alegres, é esperar com serenidade os acontecimentos, que novo ano nos traz

Será bom serd mau? Quem o sabe, mas, mau ou bom, o que é preciso é ter a coragem preciosa para o receber e para o eieir, na linha de conduta traçada.

Nós nunca sabemos se o que vem é bom, sabemos apenas o que se passou e dêsseos anos que passaram tiramos os ensinamentos, que nos devem ajudar a bem viver, a viver pelo menos com utilidade para nós e para os outros.

A mulher tem sempre, em sua frente um vasto campo para fazer o bem.

Se e casada dentro do seu lar, ao seu marido e aos seus filhos, se é solteira em casa de seus pais, aos netinhos que lhe deram o ser e que precisam agora os seus carinhos, se é só e livre, a todos aqueles que precisam do auxilio dos fortunados; aos pobres e sobretudo às crianças, que não têm quem as proteja.

A vida é sempre útil para quem saiba utilizá-la e aplicá-la como deve ser. Que o Novo Ano traga a todos a paz da consciência, a serenidade do dever cumprido, a ânsia do bem, o horror do mal e que a humanidade, que tão enlouquecida se mostrou no ano que findou, readquirir a consciência do mal e entre na estrada do bem, para sossego de todos e para engrandecimento da vida, que um novo ano que entra representa.

Que a vida, o maior bem da humanidade se atendermos à ferocidade com que a defende, se torne suave e doce para todos no apasiguamento de ódios e rancores.

Maria de Eça.

A moda

Em plena estação de festas, em plena estação de inverno e de frio, a moda traz-nos os grandes abafos para a rua e as leves «toilettes» para a noite, que têm de ser acompanhadas,



PÁGINA SFEMININAS

pelos abrigos em pele, que nos preservem das correntes de ar, a que estamos sujeitas. Nos outros anos o inverno, obrigava-nos a um padrão das «toilettes» da rua. O longo casaco em peles, em pano, ou em imitação de «astrakan» e de «breitschwanz» eram quasi um rigoroso uniforme. Este ano não se dá esse facto. A moda está variadíssima, veem-se para a rua todo o género de «toilettes», todo o género de fazendas. A mulher menos friorenta ou mais «coquette» pós de parte os grandes abafos para mostrar a sua elegante «silhouette» que a moda favorece, em vestidos e abafos que a valorizam, marcando as suas linhas estatutárias.

A mulher não quer esconder o seu corpo, que



cinzenta a «jaquette» em xadrez de lã dos Pireneus, de quadrados ou de tijolo e vermelho sobre cinzento, um cinto em couro vermelho ajusta-a na cintura, luvas em cor de tijolo e cinzento, chapéu em feltro vermelho assim com a «écharpe», em seda, enrolada ao pescoço. É uma graciosa «toilette».

Para teatro e casino uma linda «toilette» em veludo preto com lombesiras em «strass», que faz um lindo fundo para o agasalho em arminho branco da Rússia. É até às ancas o seu comprimento. Mangas amplas e largas tornam fácil o envergá-lo.

É todo forrado em setim branco o que o torna dum ideal conforto. É para notar a guarnição



a ginástica e o desporto tornam esbelta e flexível, em grandes casacos. E o nosso clima tão suave presta-se como nenhum outro a essa fantasia da moda.

Mas lá vem um ou outro dia mais agreste em que se torna necessário um bom agasalho e para esse fim temos um lindo modelo.

Nada mais elegante e mais próprio do que esta túnica em cabrito cinzento da Índia, que tem um aspecto juvenil e não esconde a graça dum corpo jóvem e esbelta, os ombros alargados pelas fartas mangas, tornam mais sensível a cintura fina, que um cinto incrustado em pele de «suède» cinzenta, marca nitidamente.

Sobre uma saia em veludo preto, com luvas em veludo preto e um gracioso barrete na mesma pele é uma «toilette» elegantíssima e confortável que abriga num gelado dia de inverno.

Para um dia menos áspero, temos uma elegantíssima «toilette»; saia em pano castanho bastante justa e casaco em «melton beige», ajustado nas costas por costuras formando na aba «godets». As mangas abundantes nas cavas dão a nota do modernismo. Amplas bandas rematam o acertoado, que fecha com quatro botões em madre-pérola, uma «écharpe» em fraco de veludo castanho e beige forma gravata, um pequeno e original chapéu em feltro castanho completa o elegantíssimo conjunto.

Para as saídas de manhã sobre uma saia de lã

de flores na cabeça, da mais alta novidade assim como o véu que protege o penteado no caminho tanto à ida como à volta, evitando o desagradável das mechas que caem com o vento.

O calçado atrai sempre a atenção e a mulher elegante não descarta esse importante pormenor da sua «toilette», um dos mais importantes mesmo. Damos um modelo para sapatos de noite ou de jantar em «suède» preto guarnecidos com aplicações de metal. Foram baptizados «Kova», são usados com umas finas meias em «beige taupe» o que se usa mais com os vestidos azuis, «prune» ou pretos.

De vez em quando diz-se que a moda aboliu as pérolas. Nada mais falso, as pérolas não têm moda, usam-se sempre e para exemplificar o que dizemos damos o retrato de «Miss» Sylvia Baker uma das mais lindas noivas desta época em Londres, que na festa do seu pedido de casamento ostentava ao pescoço um lindíssimo colar de pérolas do mais belo oriente.

É na verdade nada mais bonito como enfeite para uma rapariga do que um colar de pérolas sobretudo se essas pérolas são tão belas e tão perfectas como as de «Miss» Sylvia.

A flor como guarnição

A flor é sem dúvida a guarnição preferida pela mulher, o que é bem fácil de compreender. O espirito delicado que acompanha a mulher na

escolha dos adornos, que mais bela a hão de tornar, faz-lhe ver, que não há enfeite mais gracioso do que uma flor.

Mas o inverno não é pródigo em flores, nos países da neve, as flores morrem e entre nós muitas são queimadas pelas geadas traiçoceiras da manhã.

Por isso as elegantes substituem as flores verdadeiras pelas artificiais e conseguem assim adornar-se com o símbolo da flor.

Voltou a ser moda o ramo de violetas em cambraia, em seda ou em veludo, mas sempre o «bouquet» lilaz quando é de violetas de parma, ou roxo quando é das violetas simples remata a gola dum vestido, adorna a «houtonnière» dum «tailleur» ou alegra a pele de raposa que na quadra fria se torna obrigatória para abrigar do ar cortante e fino que nos fustiga nestes meses de inverno rude e irio.

Os cabelos cortados

Um sábio o dr. Anesty, de Budapeste chegou à conclusão nos seus aturados estudos, que a moda dos cabelos cortados foi prejudicialíssima para as cabeleiras femininas predispondo a mulher para a terrível calvície.

Na sua demonstração sobre o assunto éle diz: que foi sempre difícil saber-se porque há tantos carecas entre os homens, ao passo que raramente as mulheres sofrem igual devastação.

No entender do dr. Anesty, a falta de protecção do cabelo ocasiona afecções da pele do crânio agravadas pelo constante uso das tesouras e navalhas, esse é o motivo que influe na calvície masculina.

Segundo o cientista últimamente tem havido imensos casos de calvície em senhoras, calvície rápida e decisiva. Será esse o motivo que leva a mulher a preferir agora o cabelo mais comprido em aneladas e encoracoladas cabeleiras, não desdenhando as elegantes parisienses as



longas tranças enroladas em gracioso «chignon»? Talvez e se é abençoada resolução porque nada há mais triste para a beleza feminina do que a calvície.

De mulher para mulher

Desconsolada: Não se desconsolite com essa facilidade. Está em muito boa idade de se instruir e adquirindo a instrução que a falta de arranjar uma colocação. Dedique-se às línguas, datilografia e estenografia. É o mais prático e sem dúvida o mais útil. Prefira a simplicidade no penteado. Na sua idade é muito mais interessante.

As viagens

É sem dúvida um dos maiores prazeres que se pode ter, o viajar, nada há como conhecer novos países, novos costumes, para conhecer a Arte, para instruir, as viagens são o mais recomendável meio de instrução, mas nesta época em que se debate tão violentamente a questão de internacionalismo e nacionalismo, é muito para recomendar, que se viaje no próprio país a que se pertence.

Há pessoas que tem percorrido a Europa, a África, a América e a Ásia e que não conhecem o seu país. Entre nós então, é frequentíssimo encontrar quem esteja nestas circunstâncias.

É imperdoável, porque num país pequeno dificilmente se encontra uma variedade de paisagem como nós temos. Desde as mais variadas e diferentes praías, à alta montanha, aos doces e ridentes vales, as grandes planícies, tudo existe e se encontra em Portugal, abençoado torrão, que tem neves eternas na serra da Estrela e uma primavera constante na Costa do Sol e no Algarve. E agora não há a desculpa de falta de transporte, o país tem esplêndidas estradas e serviços de transporte óptimos.

Pensamentos

É um duplo prazer enganar um intrujão.

Linces para o nosso próximo e toupeiras para nós mesmos, a uns nada perdamos e aos outros tudo desculpamos.

Nem sempre é bom ter um alto lugar.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 10, 6, 3.
Copas — R. 7.
Ouros — D. 10.
Paus — V. 9.

Espadas — V., 9, 5. **N** Espadas — 7, 2.
Copas — 10, 5. **O E** Copas — D. 8, 6, 4.
Ouros — V. 8, 7. **Ouros** — A. 9, 4.
Paus — 10, 5, 2. **S** Paus — D. 8.

Espadas — 8, 4.
Copas — A. V. 9, 3, 2.
Ouros — 6, 5, 3, 2.
Paus — ———.

Trunfo é espadas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução)

O joga o 9 de paus, S prende do Az de paus e joga Az de espadas, Rei de espadas, Az de copas e 9 de copas.

E faz o Valete de copas e qualquer carta que jogue, N e S fazem as vasas todas, desde que S se balde á Dama de copas e Rei de copas na Dama de espadas e Rei de paus de N, que tirará as vasas firmes de copas.

A patrulha dos gélos

Compõe-se de navios americanos e tem, por missão, descobrir os gélos flutuantes nas paragens da Terra-Nova e indicá-los aos navegadores.

Este encargo foi confiado ao governo dos Estados Unidos a seguir á catástrofe do *Titanic*, que se afundou, devido á sua colisão com um iceberg. Cada nação contribue para a despeza proporcionalmente á importância do seu tráfico marítimo na região assim vigiada.

Os discos numerados

(Problema)

Num taboleiro de seis casas estão dispostos cinco discos de cartão, numerados, conforme se vê na gravura.

Trata-se de mudar um disco, por cada vez,



para uma casa vaga junto dêle, de forma a ficarem, por fim, dispostos na sua própria seqüência com a casa inferior da direita, vaga. E isto tem de se fazer no menor número de movimentos possível.

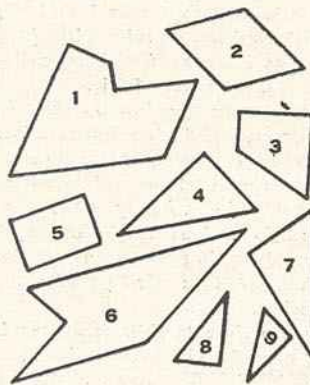
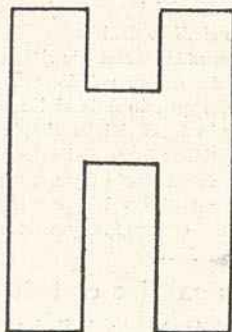
Os ratos e o queijo

(Solução)

Como devem ter visto, foi o rato do lado inferior, esquerdo, que apanhou o queijo.

Reconstrução duma letra

(Passatempo)



Aqui está um «H» antes e depois de ter sido partido em pedaços. Trata-se de reunir outra vez estes fragmentos uns aos outros e formar com eles, novamente, a mesma letra.

Cura de génio

As mulheres que atiram pratos, garrafas e outros projecteis á cabeça dos maridos, em crises de mau génio, sofrem de facto, duma moléstia recentemente conhecida por «kipier-insulinismo». Pelo menos, foi este o veredictum do dr. Seale Harris, professor emérito de medicina na Universidade de Alabama.

E chama-se assim, porque é, clinicamente falando, o contrário exactamente da diabetes.

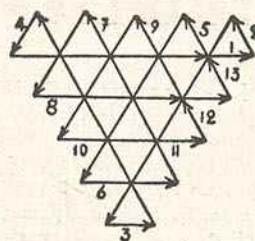
Não devem, portanto desesperar, os maridos victimas de tão desagradaveis manifestações, porque ha toda a esperança de cura para suas mulheres, segundo afirma o dr. Harris, bastando para isso sujeitarem-se a um certo e determinado regimen de dieta.

Isaac Small, de sessenta e quatro anos, natural de Orleans no Massachussetts, chegou, ha cousa dum ano, á conclusão de que o sono era perda de tempo.

Desde então, nunca mais foi á cama e os seus

Desenho a traço contínuo

(Solução)



Os números indicam o caminho a seguir.

reposos teem-se limitado a uma ligeira sesta duma hora em cada vinte e quatro. Passa as noites a ler e diz que as suas forças cerebrais teem aumentado o dôbro em consequência disto.

Os crocodilos

Os crocodilos passam ás vezes muito tempo sem comer. Comem, então, pedras e pedaços de madeira para evitar a contracção dos intestinos e com ela, a sensação da fome.

Durante o inverno, ficam adormecidos, pelo menos em latitudes próximas dos trópicos.

Catesby afirma que os da Carolina, quando despertam do sono hibernar, dão mugidos que se ouvem a grande distância, muito mais fortes do que os do touro. Nos países onde o homem lhes não faz caça, chegam a viver em manadas de mais de duzentos.

O crocodilo foi um dos animais mais respeitados pelos povos do Oriente.

No Egipto havia a cidade de Crocodilopolis, construida, segundo a tradição, pelo mesmo faraó que subjogou os Israelitas.

Nessa cidade estava o santuário dos crocodilos sagrados.

O antepassado da metralhadora

Trezentos anos antes de se ter inventado a metralhadora, os caçadores e guerreiros chineses, lançavam flexas com a béstia. No Museu de Los Angeles existe uma dessas armas. É de madeira escura e mede aproximadamente 1^m,20 de comprimento. Na parte superior há um depósito para vinte setas.

Quando se dispara um projectil, logo outro o substitue automaticamente



— Olha, querido, comprei este lindo calendário para te oferecer pelo teu dia de anos, assim de não te esqueceres dos meus que sublinhei a tinta encarnada.

(Do «The Happs Magazine».)

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.** — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

O QUE TÔDA A RAPARIGA DEVE SABER

«Não te rales» disse-lhe eu.
«Isto acontece a muitas raparigas. E peoram muitas vezes as cousas, fazendo o que não é preciso.» Ela sabia que eu tinha adivinhado o segredo da sua vergonha. Os poros dilatados, pontos negros e uma côr amarela e terrosa, davam-lhe a impressão de ser desprotegida da sorte.

«Para te desembaraçares completamente das imperfeições do rosto — aclarar, limpar e embelezar a pele, não existe senão um meio simples, fácil e barato. Compra, hoje mesmo, um boião ou um tubo de Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Aplica-o, tôdas as manhãs, antes de te empoare. Os seus preciosos elementos purificantes, tónicos e adstringentes, actuam, como por magia, sôbre a pele e no rosto mais feio. No fim de 3 dias ficarás maravilhada do teu novo encanto.»

Esta singela receita trouxe uma consolação e uma felicidade inesperadas a muitas raparigas — como o sabem muitas



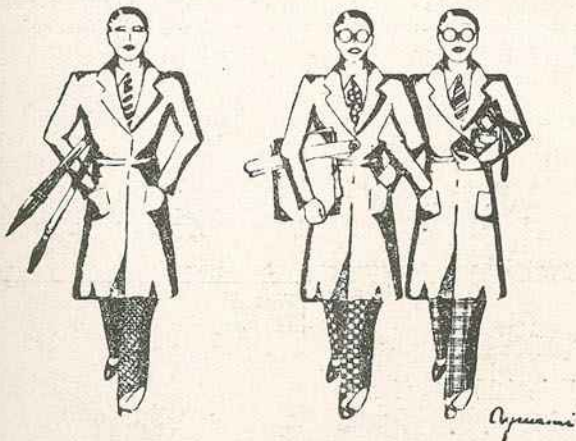
mães. São garantidos ótimos resultados, ou então o dinheiro será restituído.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando, dirija-se à **AGÊNCIA TOKALON** 88, Rua da Assunção — Lisboa que atende sem demora.

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER



O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica



Eficaz e benemérito

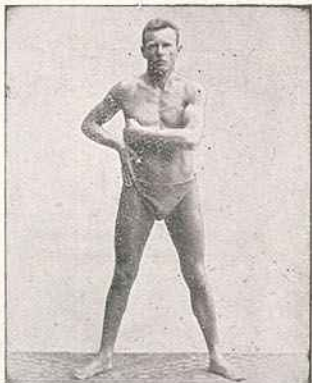
verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 pág., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**
pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.^a EDIÇÃOAVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL,
DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado 12\$00
Pelo correio, à cobrança 14\$00Edição da **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.^a edição de**Neves de Antanho**do **CONDE DE SABUGOSA***Ignes Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Corte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de Pedro Nunes. — Sórora Violante do Céu. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Peço da Ajuda.*1 volume de 318 págs., brochado 12\$50
Pelo correio à cobrança, mais 2\$00Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA**À VENDA**a 3.^a edição, corrigida, de**O Romance de Amadis**

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado 15\$00
Pelo correio, à cobrança 16\$50Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA**O Bébé**A arte de cuidar
do lactanteTradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.Um formosíssimo
volume ilustrado**6\$00**

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{mo} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
FLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	6\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ...	10\$00
Cada vol., brochado.	120\$00
„ „ encadernado em percalina ...	160\$00
„ „ „ „ carneira ...	190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

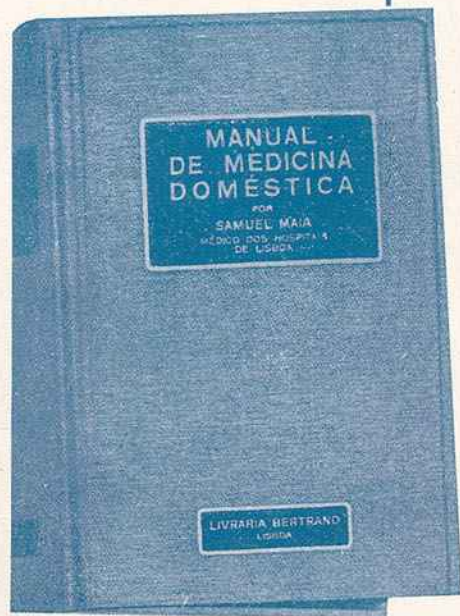
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa